



Drogas **X** **Espiritualidade**

**Tratamento Físico-espiritual de
Dependentes Químicos**

Carlos Roberto Neher

Drogas

X

Espiritualidade

**Tratamento Físico-espiritual de
Dependentes Químicos**

Carlos Roberto Neher

Drogas x Espiritualidade

Tratamento Físico-espiritual de Dependentes Químicos

Carlos Roberto Neher

Data da publicação: 29/06/2017

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro

REVISÃO: Cínthia Cortegoso

PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador

Rua Senador Souza Naves, 2245

CEP 86015-430

Fone: (43) 3343-2000

www.oconsolador.com

Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

N326d Neher, Carlos Roberto, 1966-
Drogas x espiritualidade / Carlos Roberto Neher ; revisão
Cínthia Cortegoso, capa de Cláudia Rezende Barbeiro. -
Londrina, PR : EVOC, 2017.
101 p.
1. Drogas-implicações espirituais. 2 . Dependência química-
prevenção e tratamento. 3. Espiritualidade. I. Cortegoso,
Cínthia. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 362.293
19.ed.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
APRESENTAÇÃO.....	9
DEDICATÓRIA	11
AGRADECIMENTOS	12
TRATANDO A DEPENDÊNCIA QUÍMICA.....	16
Ofertas de tratamento – modalidades existentes.....	16
EU TAMBÉM.....	22
PENSE ACERTADAMENTE	25
AVALIAÇÃO DA OBRA POR UMA PSICÓLOGA	27
O AMOR	28
TODOS OS DIAS, ESTOU CADA VEZ MELHOR	29
SOBRE A AUTOLIBERTAÇÃO	31
DEPOIMENTO – SOBRE PERMITIR FUMAR DENTRO DE CENTROS ESPÍRITAS	33
1 DROGAS NO INTERNATO.....	35
2 NO OUTRO DIA JÁ ESTAVA VICIADO	39
3 A MACONHA	42
4 A INTERNAÇÃO	46
5 NOVA RECAÍDA.....	49
6 SAINDO DE OUTRA INTERNAÇÃO	55
7 A RECAÍDA NA COCAÍNA NA ACADEMIA DE POLÍCIA	59
8 UM AMOR NA MINHA VIDA	63
9 A VEZ DO CRACK	72

10 TRATAMENTO DA PREVENÇÃO DA RECAÍDA – RESSOCIALIZAÇÃO	76
11 NÓS, OS JOVENS.....	78
CONSEQUÊNCIAS ESPIRITUAIS DO USO DE DROGAS	80
As Drogas Lícitas e Ilícitas: Implicações Espirituais.....	80
Fatores Predisponentes	81
Tendências instintivas do Espírito.....	81
Estrutura psicológica do indivíduo	85
Influência familiar e social	88
Obsessão	91
FONTES DE CONSULTA BIBLIOGRÁFICA.....	98

PREFÁCIO

Este é um livro que relata a dramática história do próprio autor que, aos 11 anos de idade, teve o seu primeiro contato com as drogas na escola particular onde frequentava, um internato no interior do Rio Grande do Sul.

Filho de uma família de classe alta, o pai, Bruno Neher, ex-deputado estadual e fundador do Conjunto Os 3 Xirus. Carlos envergonhou a família, roubando, prostituindo-se e chegando até a comprometer o seu relacionamento familiar para pagar as drogas que consumia.

A primeira parte da obra é um relato autobiográfico, voltado para jovens e adultos, que mostra a tenebrosa face das drogas, e como o autor passou e ainda passa por um processo de amadurecimento, psíquico e espiritual, conta como tem utilizado suas experiências para manter-se hoje em abstinência, ao mesmo tempo, realizando um trabalho de forte caráter missionário-espiritual.

A história do autor aqui narrada trata-se de um exemplo de ressocialização, ação social, vitória e comprometimento espiritual. Um verdadeiro resgate das trevas.

Carlos Neher conta toda sua trajetória desde a perda dos estudos às mais de 22 internações em clínicas psiquiátricas e comunidades terapêuticas. Fala sobre suas 2 overdoses e tentativa de suicídio e de como o sofrimento e suas experiências o fizeram amadurecer, ter esperança, fé e espiritualidade. O suporte que precisava para sair da escuridão.

O livro tem forte conteúdo emocional, linguagem simples, espiritual e científica, recomendado para estudos voltados à prática da prevenção às drogas junto a alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, bem como estudos sobre

recuperação, espiritualidade, desintoxicação, abstinência e ressocialização.

A autorização para inclusão está publicada em anexo a esta obra a fim de dirimir possíveis dúvidas sobre a autenticidade do trabalho e da pesquisa, bem como a fim de cumprir o acordo formulado entre o autor e a FEB de conformidade com as prescrições legais vigentes.



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Departamento Editorial e Gráfico
CNPJ: 33.644.857/0002-84 Inscr. Est.: 81.600.503
Rua Souza Valente, 17 - São Cristóvão
CEP 20941-040 - Rio de Janeiro (RJ)
Tel.: (21) 2187-8282 FAX: (21) 2187-8298
www.febnet.org.br e-mail: feb@febrasil.org.br

Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 2008.

Ilmo. Sr.
CARLOS ROBERTO NEHER
Av. Adelino Ferreira Jardim, 635
Bloco 2A - Núcleo 11 - Apt. 108
Bairro Rubem Berta
91250-310 - Porto Alegre - RS

Prezado Senhor:

Comunicamos-lhes que o Conselho Diretor desta Federação, em atendimento à solicitação contida no e-mail de 04/11/2007, concedeu licença para inclusão do capítulo "As drogas lícitas e ilícitas: implicações espirituais", retirado da apostila "Curso de Multiplicadores da Campanha Nacional Antidrogas", de nossa edição, para inclusão na obra de sua autoria intitulada *Existirá Esperança?*

A presente licença, concedida gratuitamente e sem caráter de exclusividade, fica condicionada à fidelidade aos textos da apostila acima mencionada, assim como à menção da editora, de conformidade com as prescrições legais.

Formulando nossos votos de paz, subscrevemo-nos

fraternalmente.

Nestor João Masotti
Presidente

Construamos a Paz, Promovendo o Bem!

APRESENTAÇÃO

Carlos Neher nasceu em Porto Alegre em 27 de setembro de 1966. Filho do ex-deputado estadual Bruno Neher, também dono e fundador do Conjunto regionalista Os 3 Xirus e filho de Helenita Domingues. Carlos Neher é músico profissional, compositor, mas se utiliza desta área apenas como ferramenta pedagógica em suas apresentações, já que atua na área da educação promovendo eventos antidrogas para governos, escolas, empresas e entidades.

Neher também é escritor e tem nove títulos de sua autoria, um publicado pela Editora Sagra Luzzatto, outro com publicação independente e as demais publicações são virtuais, disponibilizadas gratuitamente em seu site na internet. Carlos Neher é espiritualista, ecumenista e trabalha a convite de diversas entidades religiosas, principalmente, para governos, junto aos COMADs e CONENs, ou seja, Conselhos Estaduais de Entorpecentes e Municipais. Atua como consultor químico para diversas entidades em todo o Brasil.

Ganhou vários títulos como educador de Câmaras Municipais de Vereadores, exatamente pelos seus serviços prestados junto às Redes Municipais de Ensino destes municípios.

Carlos Neher também é produtor cultural, terapeuta holístico e produtor de audiovisuais pedagógicos. Já produziu filmes e desenhos animados totalmente voltados a crianças e jovens em processo de aprendizagem e amadurecimento emocional. Atua nessa área há quinze anos. Fundou o Projeto Renascer, uma ONG sem fins lucrativos, que tem por objetivos estatutários promover eventos antidrogas em todo o território nacional. Não há cobrança de valores por seus préstimos. Apenas solicita aos órgãos e entidades interessadas que lhe seja permitida a venda de seu material pedagógico, livros, cartilhas e

DVDs – filmes e desenhos animados de sua produção. Neher já proferiu mais de 15 mil eventos em todo o País. São cerca de cinco eventos diariamente, de segunda à sexta-feira.

Seu site alcança a média de 300 mil visitas anuais e também via e-mail, telefone ou particularmente. Ele recebe visitas de pessoas que o procuram pedindo orientação e oferece e dá apoio a dependentes químicos que tenham a intenção de parar com as drogas.

Seus sites na Internet:

www.campanhaantidrogas.xpg.com.br

www.espiritosantidrogas.xpg.com.br

Fones: (51) 3239-6116 ou 8213-7631

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra ao meu amigo Buba – ex-BBB. Querido irmãozinho. Sabemos que desejava também publicar um livro, mas teve que partir, pois outros compromissos o chamaram. Estamos esperando que possa se recuperar o máximo possível na Espiritualidade Maior para que seja aquele tão necessário anjo anônimo para os seus que, por aqui, ainda estão e que também possa me aconselhar quando eu estiver em erro.

AGRADECIMENTOS

À Choupana do Caboclo Pery e toda sua equipe de médiuns (Apometria) pela atenção que me foi dada, carinho e compreensão. Especialmente ao seu Dirigente, Pai Norberto Peixoto.

Site:http://www.cabocloperly.com.br/choupana_do_caboclo_pery.htm

À minha mãe, Helenita Domingues; ao meu pai, Bruno Neher, enfim a todos os meus familiares. Muitos ainda não me perdoaram nem perdoarão, mas não posso exigir deles o que eu mesmo não consegui oferecer, ou seja, contribuição, utilidade.

Ao Padre Chiru Aripe, psicólogo, parapsicólogo, que me tem estendido as mãos tantas vezes, apesar de já ter me visto totalmente enlouquecido pela cocaína. Obrigadão!

Agradeço tanto carinho a todos do Projeto Guadalupe de São Leopoldo-RS.

À amiga Verônica Barreto que meu deu uma mão e tanto na revisão desta obra.

Meu amor a Carmén Rennée Ritter. Um dia em minha loucura quase capotei o carro dela em uma discussão sobre o valor da vida. “– Carlos, se tu persistires, daqui a uns dez anos tu serás muito importante para a área antidrogas!” Faz 15 anos que estou nesta. É meu tratamento para não recair. Mesmo assim, ela me viu recaído muitas vezes. Recair, afinal de contas, é uma das características da dependência química, recair até amadurecer e criar em si próprio a energia para manter-se em abstinência.

À minha irmã Cristine Neher que tem me ajudado tanto, principalmente na compreensão de minha doença, de meus transtornos decorrentes da dependência química, enfim, das minhas "alucinações" diárias as quais meu psiquiatra considera uma sequela e meus amigos, médiuns, dizem que são dons mediúnicos que hoje utilizo em meu trabalho antidrogas.

Aos médicos que me ajudam a manter-me em tratamento, medicando-me e orientando-me; são tantos amigos que deixo de nomeá-los, mas estão em meu coração.

Aos espíritas, meu respeito e gratidão. Eles que têm me convencido de que meu trabalho e tudo pelo que passei e ainda passo não é em vão.

Aos membros de outras confissões religiosas que têm aberto as portas para mim, meu carinho em Nome de Jesus! Que bom que entendem que trabalhar contra as consequências das drogas é um dever de todos.

Ao Grupo Rayozinhos de Sol, da Espiritualidade Maior, ao Luiz Sérgio e ao André Luiz.

A todas as pessoas que, no decorrer de minha vida, me ajudaram de uma maneira ou outra.

Em especial a todas as crianças que tive o prazer de conhecer durante minha jornada pelo Brasil, que DEUS as abençoe e que eu tenha sempre forças para continuar na missão de ajudá-las.

A Thiago André Santos da Rocha, um espírito encarnado que resolveu seguir em Missão/Expição ao meu lado, dia a dia, obrigado, meu amigo, por me suportar.

Ao Führer, meu gatinho albino, que tem uma magia e consegue enlouquecer meus amigos todos com sua meiguice, ternura e sensibilidade.

Agradeço a todos vocês.

“A ciência sem a religião é manca, a religião sem a ciência é
cega.”
(Albert Einstein)

“Educai as crianças para que não seja necessário punir os
adultos.”
(Pitágoras)

TRATANDO A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Ofertas de tratamento – modalidades existentes

Este livro foi estruturado com o objetivo de oferecer uma verdade, esta impossível de ser negada por qualquer pessoa com um mínimo de inteligência e capaz de sopesar com lucidez e sabedoria, principalmente maturidade, suas experiências de vida, como o passado e o presente; ora, no meu caso, foram dezenas de internações para tentar parar de usar drogas.

A maioria delas, principalmente as primeiras tentativas, aconteceu em clínicas particulares, ou melhor, as 10 primeiras internações. Após a décima internação, meu pai me chamou depois de nova recaída e me falou que nunca mais daria um centavo do dinheiro dele para tentar me recuperar do vício e se alguém quisesse me ajudar, que pagasse, mas nunca mais sairia dinheiro do bolso dele. De fato, nas internações posteriores minha mãe foi a responsável por elas e por todas a partir daquele período que foram em entidades, clínicas do SUS ou Comunidades Terapêuticas, geralmente graças a vagas sociais que me ofereciam. Com o passar do tempo, a maturidade e as últimas 5 internações vieram, as quais eu mesmo busquei, devido ao fato de que quando eu recaía meu sofrimento era muito grande: físico, mental, espiritual. Vendia tudo e perdia o que eu tinha; num espaço de aproximadamente dez dias eu ficava sem nada, sem sequer roupas para vestir.

Numa dessas recaídas, fui tão ao fundo que acabei nas ruas como um verdadeiro mendigo. Não tinha onde tomar banho, nem me preocupava com isso, minhas unhas cresceram e ficaram horrivelmente sujas, fiquei cabeludo e com uma barba horrível, andava como maltrapilho. Perdi meus documentos, minha família se recusou a abrir as portas para mim, enfim, fiquei na rua da amargura e isso durou cerca de três meses. E por incrível, só consegui sair das ruas não graças à minha família nem às igrejas

que tanto procurei e pedi por socorro. E numa dessas igrejas, então, pedi um calçado, meus chinelos de dedo tinham arreventado e o tal líder religioso dissera para eu não me preocupar que havia quantidades de calçados e ele me conseguiria um par. Perguntou-me que número eu calçava, eu lhe respondi: 42. Ele, então, após umas duas horas, trouxe-me uma botinha número 39 e lá fui eu com aquilo apertando meus pés e ferindo meus tornozelos como se estivesse com algemas apertadas, a tal ponto que no segundo dia eu sangrava nas duas pernas.

Fui parar num Centro de Umbanda, atrás do Estádio Olímpico, e lá havia uma Festa de Cosme e Damião para as crianças. Eu nasci dia 27 de setembro, dia de Cosme e Damião. Pedi ajuda e a Mãe Neuza de Ogum, contra a vontade de parentes e de seus Filhos de Santos, colocou-me a dormir no Congá; vestiu-me com roupas brancas; lavou minhas feridas dos calcanhares (hoje são cicatrizes), alimentou-me por vários dias, até engordei e fiquei bom de novo; recebi minha pensão e comprei uma passagem para São Paulo e fui embora.

Fiz uma parceria com uma entidade de Jarinu, uma Comunidade Terapêutica e com a Prefeitura Local. Durante este tempo, em São Paulo, atendi cerca de 35 municípios e todas as escolas dessas cidades, tudo gratuitamente.

Acredito de fato que é somente por isso que ainda vivo, porque sempre atuei gratuitamente para escolas e entidades, então, cada pessoa atingida é um crédito com Deus que acaba sendo guardadinho e meu Criador tem usado para me salvar quando recaio ou para manter-me com uma boa aparência, pois, afinal de contas, trabalho com crianças e não poderia ser antipático ou utilizar-me de expressões chulas. Deus me cuida tanto, que até me envergonho já que sei que não sou merecedor, pelo menos aos meus olhos, mas para Deus, que é todo Amor e Caridade, parece que acabo me enquadrando no Seu Projeto, na Programação da Criação, sei lá.

Decidi escrever este livro principalmente porque com todas as experiências que tive, tenho e sei que ainda terei descobri uma força maravilhosa em forma de energia, que hoje chamo de Amor, mas que pode também ser identificada como Javé, Criação, Deus, Natureza, pois com tudo o que passei e fiz os outros passarem, inclusive em relação à cocaína e depois ao crack, com as minhas duas tentativas de suicídio, uma inclusive cortando meus pulsos e também com 2 overdoses com paradas cardiorrespiratórias, ainda estou vivo e muito bem. Lógico, isso não quer dizer que é possível usar drogas sem se prejudicar, ao contrário, por causa delas sofro sequelas que na área da Saúde Mental são chamadas de Esquizofrenia Paranoide com Delírios Persecutórios, Personalidade Bordeline, enfim, termos técnicos, mas definem o que sinto a cada minuto, a cada hora, a cada dia que vivo, ou seja, "alucinações". Vejo coisas, sinto coisas, tenho crises de pânico e de violência contra as pessoas ao ponto de numa crise pegar alguém e começar a socar sem parar até que canse. Graças a Deus que a pessoa com a qual fiz isso é de grande Luz Espiritual e soube me perdoar porque notou que eu estava como "possuído" por estranha energia e/ou em um estado emocional incontrolável pela minha razão. Graças a Deus, repito, esta querida pessoa me perdoou.

Queridos leitores, queria deixar-lhes estas linhas e lhes explicar que além do importantíssimo Tratamento Espiritual não há como esquecer-se de que outras formas de terapias e de tratamentos existem, algumas, inclusive, se utilizam de várias abordagens a fim de complementarem-se para se configurarem de acordo com as necessidades do paciente, do dependente, que é um sujeito único e fórmulas prontas podem, sim, ajudar, como os 12 passos dos Alcoólicos Anônimos ou Narcóticos Anônimos, mas lhes garanto que esses mesmos 12 passos poderão ter pouca ou nenhuma eficácia para alguém e, em função disso, é necessário explicar que cada indivíduo terá que descobrir por si só e/ou com a ajuda de amigos e seus entes queridos o melhor

caminho não para livrar-se da dependência química, pois ela é incurável segundo a OMS – Organização Mundial da Saúde –, mas para aprender a conviver com esta doença que é controlável, como a diabete ou outras doenças que são controladas por algum tipo de medicação.

Também não devemos considerar que a dependência química seja a única doença de uma pessoa em tratamento ou na ativa, pois é possível que ela tenha, no passado, sofrido algum tipo de trauma psicológico que a levou a usar drogas ou ainda a sofrer de algum distúrbio neurológico que também a levaria ao vício, ou a usar drogas esporadicamente quando, principalmente, passe por uma crise.

Por isso, é importante que seu tratamento seja conduzido por uma equipe de profissionais num caráter multidisciplinar, médico clínico, psiquiatra, psicólogo, assistente social, terapeuta, pois todos juntos montarão seu diagnóstico e saberão descobrir qual o melhor caminho para ajudar uma pessoa, sendo que para outra poderão tomar caminhos totalmente diferentes.

O Tratamento Espiritual é muito importante, pois trabalha algo que possuímos geneticamente falando e espiritualmente falando dentro de nós, ou na forma de uma sementinha, ou já na forma de grande energia que traduzo como "O PODER DA FÉ," e este tratamento não quer dizer que tenha que ser feito num Centro Espírita Kardecista, mas poderá ser encontrado em qualquer orientação religiosa. O que vale mesmo é a pessoa sentir-se bem no local onde procura descobrir os caminhos para fomentar e adubar suas energias espirituais, que devido à dependência química e todas as suas consequências, estão abaladas e encontram-se desequilibradas. E seja com os evangélicos, católicos, umbandistas, adventistas, espíritas ou outra denominação religiosa, será conforme sua dedicação que, certamente, uma pessoa poderá encontrar equilíbrio espiritual, desde que seja simpática ao estudo e à leitura, principalmente com a prática da oração ou da meditação, pois o que ela mais

precisa no momento é higienizar seu cérebro, mente e corpo espiritual, ou seja, sua alma está, digamos, suja e, portanto, impossibilitada de receber a ajuda de Deus.

São diversas as modalidades de tratamento oferecidas hoje em dia, a saber:

- 1) Clínicas Psiquiátricas do SUS – cobre só 14 dias para drogas ilícitas e 21 para alcoolistas.
- 2) Clínicas Particulares.
- 3) Hospital-Dia ou "Serviço de Internação Parcial" é uma estrutura organizacional de uma instituição de saúde que se fornece atendimento por um período normalmente não superior a 12 horas, não requerendo assim permanência durante a noite.
- 4) Comunidades Terapêuticas – CTS – Fazendas de Recuperação.
- 5) Tratamento Ambulatorial – Particular ou via CAPS/SUS.
- 6) Desintoxicação Domiciliar.
- 7) Acupuntura.
- 8) Fitoterapia.
- 9) Macroterapia.
- 10) Apometria.
- 11) Tratamento psicológico ou psicanalítico em consultórios particulares de psicólogos os psiquiatras, bem como temos esses tratamentos oferecidos por muitas Unidades de Saúde do SUS – CAPS.

Há muitas outras possibilidades.

Neste livro apresento o tratamento espiritual que nós, espíritas, entendemos como mais adequado, entretanto, conforme a pessoa e seu grau de evolução, sua realidade social, sua crença, sua realidade econômica etc., talvez outros tipos de recursos em outras áreas espiritualistas alcancem os mesmos resultados que nós, os espíritas, temos alcançado.

“Deus escreve certo por linhas tortas”, já dizia alguém e nós, dependentes químicos, não passamos pelo vício por apenas senvergonhice ou pelo fato de que a fissura se instala em nossas células nervosas; não! Tenho hoje certeza absoluta que se isso aconteceu é por existir algum motivo para isso acontecer e foi permitido, enfim, estava “escrito”, não sei como preferem chamar, o que importa é que devemos e certamente encontraremos em nossas buscas pela sobriedade e em função da maturidade – se não morrermos antes é claro –, a verdade, e mesmo nossa recuperação e controle total sobre nossa doença e sequelas, se é que os leitores possam acreditar nisso.

Manifesto-me assim, sem subestimar nenhuma pessoa, mas por ter visto pais dizerem que não têm a menor esperança em salvar seus filhos e isso me deixa muito triste. Acho um grande erro pensar assim. Isso é negativismo, é desejar, de certa forma, que seu filho morra ou sofra um acidente tal que fique na cama para o resto da vida para não poder usar drogas, ou como disse outro dia um pai amargurado, “por que ele não dá um tiro na cabeça logo, até emprestaria a minha arma”.

Meu Deus.

EU TAMBÉM

Já fui criança. Passei pela puberdade e como todos os adolescentes, tive muitas dificuldades em entender o mundo. Realmente é muito difícil, em um mundo no qual a cobrança de um modelo idealizado pela sociedade é muito forte, no qual o mais importante é o que pensam de nós e não o que realmente somos. Assim vamos aprendendo aos trancos e barrancos o que a vida nos reserva. Nem sempre aprendemos o que é correto. Somente por meio de muito sofrimento, corrigimos nossos defeitos e orientamos a nossa caminhada neste presente dado por Deus, que é a vida. Só agora vejo quanto a vida é bela e quanto posso ainda ser feliz.

Como foi difícil entender a mim mesmo!

Como ainda está difícil aprender mais ainda sobre mim, mas persisto na busca do autoconhecimento, olhando não só o meu eu, mas também observando e comparando os outros ao meu próprio comportamento.

Isso, sim, é que me tem feito crescer em sabedoria. E mais, aprendendo a dar mais ouvidos a minha consciência que a minha razão. Hoje procuro ouvir Deus, os mentores, meu anjo da guarda, antes caminhava sozinho, agora aprendi a andar bem acompanhado.

Uma vez li em algum lugar que conhecimento não significava sabedoria, nem mesmo a experiência poderia ser interpretada como tal. Então, passei um bom tempo procurando uma definição para a sabedoria e descobri que ela é uma mistura entre o conhecimento – aquele que se adquire com o estudo e a observação –, a experiência de vida – anos de vida – e um humilde equilíbrio entre esses elementos. Ora o conhecimento e a experiência me ensinaram que uma só força nos orienta em

nossa caminhada. Esta força chama-se Deus. Assim nos ensinou o Mestre Jesus por meio de tantos exemplos práticos de vida.

Eu, infelizmente, demorei muitos anos para reconhecer meus erros.

Cometi graves crimes contra minha própria gente.

Crimes morais, violência, desarmonia.

Contrariei todos os princípios cristãos "detonando" com a sensibilidade de meus pais. Traumatizei minha família e meus amigos em um processo de autodestruição que somente a Mão Divina poderia ter interrompido.

É exatamente sobre isso que venho testemunhar. Sobre a força de um Deus. Não um deus qualquer, mas aquele que criou tudo que existe. Para alguns, é a "Força Criadora"; para outros, Jeová; para tantos, um "mistério", mas para mim é o meu DEUS, meu Pai e Criador, Aquele que me tirou da lama em que estava atolado.

Eu não tinha mais nenhuma perspectiva, esperava apenas a morte e confesso que tinha certeza de que ela me levaria logo, logo.

Num momento em que estava no processo de estertoração, em convulsão, babando devido à overdose que me apanhou sem pena, em um esforço dramático, lembro-me de que pensei, reunindo todas as minhas forças – só podia pensar já que não estava em condições de falar ou murmurar –, e gritei mentalmente a Deus que me perdoasse, que não me deixasse morrer e que me desse uma nova chance.

Lembro-me de que levitei sobre meu próprio corpo e fui subindo devagar até encostar meu nariz no forro do teto. Olhei para baixo e estava lá na cama em convulsões. Chorei em desespero. Prometi, naquele momento, transformar-me por inteiro, largar as drogas e trabalhar a favor do bem e me comprometi a transformar minha vida se Deus aceitasse meu pedido. Tudo foi muito rápido. Em questão de segundos senti ser

puxado de volta e acordei na UTI do Pronto Socorro de Jabaquara-SP.

Quando acordei, lembrava tudo e nunca mais vou esquecer. Muitos já me disseram que foi uma alucinação, mas eu sei e esta certeza vem do meu coração, eu renovei meu contrato, digamos assim, com o Plano Maior e meu compromisso dali em diante era servir a Deus e testemunhar sobre como fui salvo e que existe, sim, vida espiritual e, mais, um plano espiritual para cada um de nós que geralmente é escolhido por nós mesmos, e se isso não foi possível antes do nascimento, tenha certeza de que Deus escolheu o melhor caminho para cada um, porque Ele ama todos os Seus filhos, criados por Ele, para formarem uma civilização de seres evangelizados e, por conseguinte, formarem uma sociedade perfeita, mas para isso cada um deverá fazer a sua parte. Eis a minha pequena contribuição.

Só tenho a agradecer aos mentores espirituais que intermediaram por mim naquele dia e, desde então, trabalho para a Criação, para a humanidade encarnada e contra as drogas e todos os seus malefícios. Sou apenas um humilde servo, como dizia Francisco de Assis: "... o menor dos menores...".

Mas como para Deus nada é impossível, hoje consigo expor todos esses fatos sem medo de entregar a verdade, acreditando ainda que ela será muito útil na caminhada de quem puder ajudar.

PENSE ACERTADAMENTE

“É em vão que o homem procura ao longe a sua felicidade, quando descarta cultivá-la em si mesmo, pois ainda que venha de fora, não pode fazer-se sensível enquanto não achar dentro de si uma alma aparelhada para a gozar.” (J.J. Rousseau)

A posição do homem no mundo é oriunda de seu estado mental.

Temos capacidade para tudo dominar e vencer, com a ampliação de nossos conhecimentos e com a sábia orientação do nosso poder interno.

Tomás de Aquino disse: “O precavido domina a sua estrela, enquanto o incauto a segue de olhos vendados”.

A força do pensamento, bem concentrado e dirigido, é decisiva para atenuar ou mesmo evitar muitos males.

Saiba, pois, leitor amigo, como dirigir o seu pensamento, fazendo dele a escada do seu triunfo.

Pense em tudo quanto for forte, poderoso, alegre, saudável e tudo isso virá ao seu encontro.

O pensamento atua sobre todas as células do corpo; procure, portanto, manter a sua mente livre de todo o pensamento de inveja, ciúme, ódio, medo, desânimo, enfim, livre-a de todo pensamento destrutivo. Saiba pensar com conhecimento e inteligência.

Tudo que nos sucede na vida foi germinado de uma semente de nosso pensamento. Colhemos apenas aquilo que semeamos.

Todo pensamento firme é ação materializada.

Procure, pois, polir a sua mente. Domine, com sabedoria, as suas emoções. Veja em tudo algo de bom e belo.

Simplifique a sua vida vivendo-a naturalmente e pensando acertadamente.

Nossos pensamentos e ações de hoje determinam o nosso porvir.

Saiba, ao semear, separar o joio do trigo.

AVALIAÇÃO DA OBRA POR UMA PSICÓLOGA

Achei um livro excelente, de uma leitura fácil e dinâmica o que acaba por proporcionar a quem lê-lo fácil compreensão de um problema tão atual como a dependência química.

Desde que comecei meu trabalho como psicóloga nesta área – em Comunidade Terapêutica e no Ambulatório da Cruz Vermelha em Porto Alegre-RS – nunca tinha escutado relatos tão esclarecedores a respeito do que a droga faz o sujeito passar, como as alucinações, privações, comportamentos antissociais aqui relatados.

Mais uma vez, parabéns pelo empenho em mostrar algo tão particular que, com certeza, ajudará muitos que ainda estão atravessando este caminho tão complicado e difícil.

Abraços,

Alethea Freitas de Oliveira

Psicóloga

CRP 07/14789

Rua Saldanha da Gama, 827 sala 805 Centro - São Leopoldo

(51) 9851-8418 - (51) 8118-1797

O AMOR

O sofrimento transformado em amor fez com que o Carlos transformasse seu livro em cartilha obrigatória para jovens e adolescentes que um dia pensaram ou pensam em utilizar a droga como forma de modismo ou até mesmo de passaporte para grandes momentos felizes de ilusão na juventude.

O Carlos teve não só uma inspiração fantástica, mas, sim, divina, abrindo o seu coração e alma para declarar suas experiências e o sofrimento causado por suas atitudes.

É de fundamental importância que todos nós tenhamos a consciência do que essa viagem pode causar não somente ao nosso corpo físico, mas também aos que nos rodeiam, amam e nos querem bem – tanto no lado material quanto espiritual.

Neste depoimento, quero enfatizar que perdi um grande amigo, um irmão, que, pelos erros do passado, nos deixou quando, exatamente, iniciava um trabalho muito bonito de prevenção e que de alguma maneira o Carlos está continuando.

A linguagem é fácil, o texto é gostoso e nos prende levando, ao nosso íntimo, emoções de batalha vencida. Este é o caminho. A verdade sempre será o melhor caminho.

Desejo muito que as empresas, o governo passem a utilizar este livro como referência na prevenção das drogas.

Parabéns, o Brasil e o mundo precisam de muitos Carlos Neher daqui para frente.

Com amor,

Verônica Barreto

Ex-assessora da Presidência da ONG Criada pelo Ex-BBB Buba – Vida Limpa Vida Livre (ONG Extinta em decorrência do falecimento de BUBA).

TODOS OS DIAS, ESTOU CADA VEZ MELHOR

Émile Coué, que trabalhou muito na cura pelo Processo da Sugestão e Autossugestão, ensina um método muito simples, prático e que oferece enormes resultados a quem o praticar.

Orienta ele, que a pessoa repita vinte vezes, à noite e pela manhã, a seguinte frase: "Todos os dias, sob todos os pontos de vista, vou indo cada vez melhor e em todos os sentidos." A afirmação deve ser realizada com os olhos fechados, com sentimento e de forma que você possa ouvir e prestar atenção em cada palavra, assim como se fosse uma oração.

Os melhores momentos para esse tipo de exercício são à noite, deitado de preferência, naquela hora que você já está quase querendo pegar no sono. Também pela manhã ao acordar, horário cuja pessoa ainda está em estado de semissonolência, portanto, em contato com seu subconsciente que o ouvirá e registrará sua programação, como se fosse uma "programação" a ser seguida, pois podemos afirmar que nosso cérebro não deixa de poder ser comparado a um computador biológico e, como tal, tem um "processador" (neurônios), tem memória e tem softwares que lhe dão a "linguagem" que ele compreende e precisa ser seguido.

Se nos programamos que somos tristes, que para nós tudo dará errado, então, assim será, mas se ao contrário, estabelecermos ao nosso cérebro subconsciente, onde estão localizados os "softwares", ou seja, as programações a serem seguidas passaremos a dar as orientações para o nosso dia a dia e daí, então, direcionaremos nosso cérebro à felicidade, à libertação dos velhos paradigmas, à criatividade, à saúde de nosso corpo físico e emocional bastando que para isso tenhamos empenho em tratar nosso subconsciente como uma ferramenta

mental à nossa disposição e não como algo inatingível, já que ele não o é.

A frase assinalada por Coué é completa e encerra tudo o que você deseja resumidamente, numa "ordem" ou "programação mental" prática e decisiva. Esta sugestão mental, repetida em momentos estratégicos, lhe trará resultados maravilhosos.

Coloquei esta pequena sugestão aos meus leitores antes mesmo da leitura integral de toda a obra porque entendo que não há motivo para esperar ler todo este livro. Desde já, o leitor poderá começar a encontrá-lo, até mesmo a cura para seus problemas que não estão ligados apenas à área da dependência química, mas englobam todos os setores de sua vida e se você deseja realmente tornar-se um novo homem, cheio de possibilidades e de fé, é necessário tomar o mínimo de iniciativa, ou melhor, a atitude que lhe trará os verdadeiros benefícios que o levaram a ler este livro não está só no plano espiritual, nos Grupos de autoajuda, está dentro de cada um e a programação mental, dita, programação neurolinguística, é hoje uma das grandes ferramentas que trouxeram aos seus praticantes mudanças radicais em suas vidas. Comigo mesmo, isto tem acontecido diariamente. Tente e aproveite tudo o que seu subconsciente e seu cérebro têm a lhe oferecer, não se entregue a pensamentos derrotistas.

SOBRE A AUTOLIBERTAÇÃO

1 Timóteo 6

"... Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele."

"Dedica-te ao bem, não só pelo bem de ti mesmo, mas, acima de tudo, por amor ao próprio bem."

"Grande é aquele que reconhece ser pequeno. Não te imponhas, pois, afugentarás a simpatia. Não dispense o concurso alheio na execução de tua obra."

"Jamais suponhas que a tua dor é maior que a do vizinho ou que as situações do teu agrado sejam as que devam agradar aos que te seguem. Aquilo que te encoraja pode espantar a muitos e o material de tua alegria pode ser um veneno para teu irmão."

Mais ainda, combate tua tendência ao melindre pessoal com a mesma persistência que empregas no serviço de higiene do teu corpo. Muita mágoa guardada é peso morto no coração. Guardar o sarcasmo ou o insulto dos outros não será o mesmo que não tomar banho durante anos?

Limpa tua mente a cada manhã, agradece a Deus pela tua vida e segue adiante, meu amigo.

Acorda para a realidade e deixa que ela te auxilie a veres melhor o teu caminho e encontrarás a divina felicidade, mesmo sendo apenas um "anjo anônimo", que se confunde na multidão.

Aprende a ser só para ser mais livre no desempenho de tua missão, do dever que te une a todos, e de pensamento

voltado ao nosso Amigo Celeste, que se entregou à cruz. Não nos esqueçamos da advertência de Paulo, quando nos avisa que, com referência aos bens materiais, "nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele".

DEPOIMENTO – SOBRE PERMITIR FUMAR DENTRO DE CENTROS ESPÍRITAS

Certa vez tivemos a ideia de inaugurar, num antigo Centro Espírita, um pequeno canto ao ar livre para os fumantes que frequentavam a casa, tanto na qualidade de trabalhadores quanto de meros assistentes. Pensávamos que se eles sentem dificuldade em largar do vício, quem sabe aqui dentro, com a ajuda dos mentores espirituais eles não deixam de fumar? Não seria melhor fumar "assistidamente", protegidos pelas vibrações benéficas do lugar do que na rua, junto aos seus obsessores e sabe Deus quem mais?

Sabe, Carlos, nos achando muito espertos, fomos felizes da vida levar a petição aos Espíritos dirigentes do Centro. Mas tudo o que recebemos de volta foi uma bela lambada, para aprendermos a pensar melhor. Porque no Espiritismo aprendemos que tanto no vício quanto na virtude nunca estamos sós. Interagimos o tempo todo, influenciamos e somos influenciados, daí retirando nossas opções e decisões baseadas sempre no livre-arbítrio.

Também aprendemos que estamos inderrogavelmente ligados ao que nos interessa. "Onde está vosso tesouro, aí estará o vosso coração", disse Jesus, ou seja, no caso em questão, se estamos ligados ao vício, seja ele qual for, ele estará conosco onde quer que estejamos, pela força de nossa vontade (ou dependência). Então, fumar fora ou dentro do Centro dá na mesma. O vício prossegue inalterado porque as raízes da dependência estão muito longe dali, na outra ponta dessa ligação que chamamos de fluídica.

Foi isso que aprendemos e, olha, nem precisamos de diploma ou sermos PhD nisso ou naquilo, foi só voltarmos à realidade e percebemos que não é passando a mão na cabeça do dependente que ele deixará de usar drogas ou seja lá o que for.

Pelo contrário, sentirá mais vontade ainda de afundar-se no vício já que o medo, a culpa e o perigo estarão a distância, do lado de fora.

Minha admiração é grande, tanto por você, pela sua vitória, quanto pela decisão de ajudar o próximo tendo como base a própria experiência. Gostaria que você soubesse que neste momento torço muito por você e rogo que nunca desfaleça na luta, que não se deixe seduzir novamente pelas sensações da droga. Há duas semanas prometi que faria uma vibração especial em nosso Evangelho a você e ao seu trabalho. Pois bem, em minha vidência foi-me mostrado você envolto em dois círculos de luz, um na cabeça e outro nos pés. Fiquei imensamente comovida quando o vi assim, e mais ainda quando meu guardião espiritual me disse que você está protegido desta forma por mérito próprio. Passar pelas drogas era necessário. Vencer a dependência era opção sua. Você me entende, não é mesmo? Então, amigo, a experiência está adquirida, use-a agora para os que estão necessitando dela, alguns desesperadamente. Seus pensamentos (1º círculo de luz) são claros e coerentes e eles dirigem seus pés (2º círculo de luz) à ação construtiva.

É belo isso, Carlos, aproveite bem e faça o melhor que puder. Nunca se arrependerá disso, eu garanto.

Abraço imensamente carinhoso e fique com Deus.

Lori

Instituto André Luiz
www.institutoandreluiz.org/
Curitiba-PR

1 DROGAS NO INTERNATO

Tenho tido muita dor de cabeça ultimamente.

As alucinações estão diminuindo graças à medicação, às terapias de relaxamento e meditação e, principalmente, à força da oração. Segundo o médico, minha esquizofrenia adquirida com o uso da cocaína e do crack não tem cura, porém, se continuar tomando o remédio indicado, com certeza, evitarei as grandes crises.

Também me mantenho em tratamento espiritual, pois os espíritos desencarnados gostam de me utilizar para absorverem os fluidos etéreos das drogas exalados pelo meu perísprito quando estou na ativa. E é muita força e atração que eles exercem em mim. Fazem de tudo para que eu volte a usar drogas, para me usarem.

Minha única alternativa, portanto, para evitar recair pelas suas influências é imantar-me com a Luz da Fé, na prática da oração e frequentemente tomar passes, beber água fluidificada e, às vezes, passar por um tratamento de desobsessão. Não tenho outro caminho a seguir. Em algumas confissões religiosas, muitos caminhos são oferecidos a fim de evitar a influência negativa de espíritos mal-intencionados. Mas, dentro de uma racionalização espiritual e científica, foi no Espiritismo que encontrei o melhor caminho.

Nas épocas de férias escolares é que me sinto pior, pois diminuem minhas atividades nas escolas e essa estagnação me deixa muito deprimido.

Eu moro sozinho e, sempre quando vem a noite, começo a entrar em pânico o que pode me tomar por completo. Utilizo várias técnicas para não enlouquecer as quais aprendi com mais de 35 terapeutas e nas 15 internações por que passei. Também a oração é o que de melhor funciona para mim. Mesmo assim,

devido a um problema neuroquímico, sofro as consequências da esquizofrenia.

Às vezes, quando estou deitado e ouço minha cachorra brincar com alguma coisa no pátio, tenho a impressão de que alguém invadiu a casa e quer me matar. É uma paranoia que me maltrata e me persegue todos os dias. Tenho que levantar da cama e ir lá fora olhar tudo.

Há algum tempo, eu ficava dentro de casa tremendo de medo, mas aprendi a enfrentar o fantasma da loucura e agora encaro minhas alucinações de frente, indo ao encontro delas. Testando-as descubro se são realidade ou fantasia.

Agindo assim, verifico que elas não existem e as destruo dentro do meu próprio cérebro.

Tenho tido muita saudade de estar com minha família, porém, isso não é mais possível para mim e tenho que aprender a conviver com esse fato. Ainda bem que hoje tenho ótimos amigos que me dão a liberdade de frequentar suas casas. Eles hoje substituem muito a família da qual sinto tanta falta. Mas laços de sangue são laços de sangue. Perdi o direito de estar junto dos meus diariamente, como todo mundo, quando teimosamente permanecia usando drogas. Afinal tem aquele ditado popular: "quem planta colhe".

Enquanto meus pais tinham esperança, eu os enganava aceitando os vários tratamentos que me ofereciam, com apenas a intenção de engordar um pouco na clínica e voltar a usar as drogas quando saísse. Assim vivi por muito tempo.

Eu estava com 11 anos e meio quando meus pais se separaram. O juiz determinou que eu ficasse sob a guarda de meu pai e minha irmã, com minha mãe. Meu pai logo conheceu uma pessoa e se apaixonou novamente. Eu morria de ciúmes. Não aceitei. Comecei a incomodar a coitada da mulher dia e noite, a tal ponto, que quando meu pai retornava de suas viagens eu estava dormindo no carpete do lado de fora do apartamento.

Meu pai não aguentou muito minhas verdadeiras maldades e resolveu me colocar em um colégio interno. Escolheu o melhor na ideia dele. O Colégio Bom Pastor em Nova Petrópolis – Linha Brasil/RS.

O internato era gigantesco. Uma imensa área verde em frente à autoestrada. Ao redor apenas mato, serra, cachoeiras e árvores. Mais nada. Sentia-me perdido naquele local solitário.

Eu estava revoltadíssimo. Na minha cabeça de pré-adolescente, entendia que havia perdido a guerra contra aquela mulher que eu combatia. Sentia-me injustiçado e abandonado pelo meu próprio pai. Entrei em profunda depressão e vivia chorando embaixo das árvores.

A escola não conseguia me entreter e eu não me preocupava nem um pouco com minhas notas. Um dia, um colega de sala da classe ao lado da minha, estava em frente à escola. Fui até ele.

Ele estava meio esquisito aquele dia. Ria muito até chorar. Seus olhos estavam vermelhos e os lábios secos. Pareciam quebrados pelo frio. Mas aquele dia estava quente e ainda era verão. Em certo momento, ele puxou da pasta uma lata de cola de sapateiro e começou a usar. Eu estranhei, pois nunca tinha visto alguém fazer isso com cola. Ele, de uma hora para outra, caiu para trás e ficou parado, com o olhar fixo para o céu. Pensei que tivera tido um troço. Fiquei com muito medo.

Passaram-se alguns minutos e ele voltou a si e começou a rir de um jeito mais esquisito ainda e a me explicar como usar a aquilo. Fui na onda dele e experimentei. Senti um zumbido muito forte nas orelhas que parecia que ia me deixar surdo. Vi que eu virei do avesso, tudo começou a rodar e um gosto de cola tomou conta de minha língua.

Caí para trás durinho. Não me lembro o que aconteceu durante o efeito só que depois de algum tempo voltei a dar conta de mim e estava correndo com ele, lá por trás do colégio. Ficamos até tarde da noite usando a cola até que a lata terminou.

Perdemos a janta e acabei caindo na cama, morto de cansaço e o pior é que teria que levantar cedo para ir à aula no outro dia.

2 NO OUTRO DIA JÁ ESTAVA VICIADO

Levantei-me todo moído pela manhã com a sineta do zelador. Sentia dores nas costas e nos ombros. Arrumei-me, nem quis tomar banho, botei um boné, desci para tomar café. Peguei os livros e fui para a aula.

Lá pelo segundo período, comecei a ficar nervoso e a olhar para o meu amigo que estava ao meu lado. Ele também me olhava e apontava para a pasta dele, onde certamente tinha outra lata de cola. Fiquei mais nervoso ainda. Comecei a me lembrar do cheiro da cola e me deu uma vontade muita grande de usar de novo. Quando chegou o recreio, corremos para o pátio dos fundos do colégio e entramos embaixo de umas árvores gigantes que havia por lá e começamos a nos "empapucar" de cola.

Perdemos o resto da aula aquele dia. Também nem me importei com isso. Só queria cheirar.

A dependência química havia se instalado imediatamente no meu organismo porque tinha herdado geneticamente de meus antepassados. Ela estava dentro de mim, adormecida, só esperando que um dia eu bebesse ou usasse alguma droga para acordar. E lá estava ela, a todo o vapor, operando minha cabeça. Foi tudo muito ruim.

Comecei a matar aula, a não fazer os temas. Estudar, então, nem pensar. Quando minhas notas ficavam muito baixas, eu tentava dar uma parada na cola e estudava um pouco, mas, na verdade, era o mesmo que nada. Não entrava nada na minha cabeça. Eu não conseguia guardar nada em minha memória. Era como se nem tivesse estudado.

Iniciei o comércio. Vendia cigarros para os guris dentro do internato e também comecei a fumar. Com a venda dos cigarros, comprava mais cola. Vendia também minhas coisas, trocava os bagulhos com a gurizada, inventava mil e uma para arrumar grana.

Comecei a ter umas loucuras e vivia fugindo da escola. Corria para Porto Alegre e ia para casa da minha avó. Meu pai recebia a notícia de que eu tinha fugido e ia lá me buscar. Trazia-me de volta a laço.

Eu voltava chorando e lhe explicando que queria ficar morando com a avó.

No final do ano, rodei e meu pai me tirou de lá. Consegui que ele me botasse em um internato em Porto Alegre do qual acabei sendo expulso de tanto que aprontava lá dentro.

Fui morar com minha avó que se ofereceu para me cuidar. O pai repassava um dinheiro para ela, que me repassava em forma de mesada.

Minha avó morava no centro da cidade, na época, e eu acabei sendo matriculado, pelo meu pai, em um colégio particular, o Sévigné. Lá, então, as coisas das drogas desandaram de vez.

Comecei com a maconha. Era a moda do momento no colégio. Todo mundo usava. Quem não usasse era caretão, CDF, essas coisas, como ainda acontece. Minha avó nem se dava conta de que eu estava indo fundo e que andava sempre chapado. Afinal de contas eu sabia, através das palestras no colégio, dos sinais que os drogados apresentavam quando estavam chapados, e o que os pais deviam saber para descobrir se seu filho estava ou não usando.

Essas palestras me ensinaram a me proteger. Fazia de tudo para ninguém descobrir.

Minha avó e meu pai achavam que eu apresentava aquele comportamento porque era um demônio, mas na verdade era porque andava sempre muito louco.

Eu decidi não dar mais bola para nada.

Não me preocupava em tomar banho ou escovar os dentes. Soltei-me total.

Larguei de usar boas roupas, até porque, quando tinha roupa de marca vendia tudo. Passei a andar "tri - chulé", raspava a cabeça, rasgava as calças para andar tipo doido. Achava-me o máximo dentro da minha cabeça de porongo.

Guria, namorada, essas coisas, nem dava bola, a não ser que eu soubesse que ela usasse drogas também. Mas sempre rolou um papo que as que usavam drogas se entregavam para todo mundo e que tinham um montão de doenças.

Tenho certeza de que isso era a única verdade que rolava por ali. E digo mais, não eram só elas que tinham doenças. Eu tinha um monte de amigos que já estavam na cocaína, que andavam mal com doenças venéreas, principalmente, gonorreia, de tanto se prostituírem com os tarados da Praça da Alfândega.

Eu não estava naquele tempo nessa onda, ainda não tinha conhecido a cocaína e não aceitava quando me ofereciam. Tinha medo de usar e ficar como os meus amigos. Eu conseguia ver que eles estavam mal, que tinham emagrecido um montão e ainda precisavam se prostituir para arrumarem a grana para droga, mas não me dava conta de que eu seria o próximo.

Quando eu andava chapado, não tinha tesão nenhum por sexo. Olhava as gurias passando e tirava sarro, achava bonito e tudo mais, mas para ir para cama eram outros quinhentos. Naquela idade, 15 para 16 anos, nem mesmo masturbação eu fazia, não tinha vontade nenhuma. A única vontade que tinha, era de ficar chapado o tempo todo. Por isso vivia correndo para cima e para baixo, atrás de um baseado.

Subia morros, descia nas bocadas. Quase morria caminhando. Isso fez com que eu emagrecesse bastante. Foi em um verão que larguei a maconha e caí no Artane.

3 A MACONHA

A maconha, com o passar do tempo, passou a não fazer mais efeito nenhum.

Fumava e parecia que estava fumando grama. Não sentia mais nada. Deu aquilo que os médicos chamam de tolerância. Fiquei forte para o THC.

Meu organismo criou resistência à substância química ativa e o único jeito era passar para outra coisa.

Como eu morria de medo da cocaína, decidi entrar para o Artane. E foi a maior viagem da minha vida. Uma loucura, demais, demais.

O Artane é usado para as pessoas que têm o Mal de Parkinson, mas se tomamos muitos comprimidos, dá uma alucinação que nos deixa malucos. Comigo pelo menos foi assim.

A verdade é que, para cada pessoa, pode acontecer uma coisa diferente. Eu, pelo menos, ficava maluco de internar. E foi o que acabou me acontecendo.

Eu já estava com 16 anos. Foi, então, que meus pais descobriram que eu estava usando drogas. Foi quando eu perdi de vez o controle.

Até, então, eu tinha conseguido esconder, já que não morava com meus pais e minha avó me deixava fazer o que eu quisesse, pois eu a dominava muito bem. Enfim, é sabido que nós, os viciados, aprendemos com maestria a arte da manipulação das pessoas, ainda mais quando elas têm uma personalidade fraca.

Com minha avó era fácil, ela tinha uma idade muito avançada e eu chegava sempre depois que ela estava dormindo, o que me facilitava muito.

Um dia a coisa acabou. Não consegui mais esconder. Perdi todo o controle. Cheguei em casa viajando muito, falando um

montão de besteiras, que o mundo tinha que mudar, que as pessoas também e que todo mundo era louco e não sei mais o quê. Fiz minha avó se sentar e comecei a discursar.

Ela viu que eu tinha feito uma besteira com drogas e começou a chorar. Eu fiquei com raiva das rezas dela, peguei, no meu quarto, um pedaço de pau que eu tinha guardado e comecei a quebrar os vasos, os bibelôs que ela tinha pela casa e tudo mais.

Ela foi até a parede onde estava pendurada uma foto de Jesus Cristo e começou a Lhe pedir que me ajudasse. Eu, enraivecido, fui até o quadro e dei uma paulada quebrando todo. O quadro caiu no chão. Minha avó se apavorou e saiu porta a fora, escada abaixo no edifício chorando, e foi telefonar para minha mãe pra Lhe pedir ajuda.

Minha mãe veio rápido, eu acho, e viu que eu estava podre de drogado. Decidiu chamar meu pai, que veio voando. E voando, roxo de bravo.

Meu pai chegou e nem falou comigo. Pegou-me pelos cabelos e me atirou dentro do elevador. Colocou-me no carro e me levou até a Clínica Pinel. Uma das coisas que me lembro, é que teve uma hora que tomei um tapão que cheguei a rodopiar.

Na clínica, me colocaram em uma sala de espera, fechada, sem janelas, enquanto meu pai falava com o médico. Acho que demorou poucos minutos. Na sala, eu ficava fumando feito um condenado, já que tinha cigarros e isqueiro comigo. De repente, entraram cinco enfermeiros muito fortes na sala e arrancaram o cigarro da minha mão.

Fiquei louco e não aceitei o convite para segui-los. Neguei-me. Os caras, então, me pegaram pelos ombros e me levantaram do chão.

Dei uma de doido completo e comecei a distribuir pontapés para todo lado.

Lembro-me que consegui dar um soco na boca de um deles, que tirei uma lista de sangue do coitado. Depois vi que ele não tinha culpa de nada e que só estava fazendo o trabalho dele.

Eles viram que eu tinha reunido forças e que seria difícil me levar por bem e me botaram deitado no chão e gritaram por mais ajuda. Veio, então, nem sei de onde, mais três caras que ajudaram a me segurar; uma mulher apareceu e me grudou um agulhaço no meu ombro. Eu vi estrelinhas.

Ela preparou outra injeção em segundos e me enfiou outra, no outro ombro.

Ficou tudo colorido na minha frente, meu corpo todo amoleceu na hora. Era o tal de Haldol Decanoato, que tem um efeito de trinta dias.

Durante um mês, o remédio endurece o corpo e se contraem os músculos, sem conseguir se mexer direito. É a chamada medicação de contenção, que eles usam nos pacientes psicóticos e violentos. O pior é que junto com a contração dos músculos, se sente uma dor que não passa nunca.

O cara baba, volta e meia, e dá uma vontade de ficar pulando no mesmo lugar em que se está. A gente fica pulando nos dois pés porque o desejo é de lutar contra o efeito.

Que raiva que eu fiquei daquele remédio. E que raiva que fiquei da médica que aplicou em mim.

Foi muito triste mesmo.

Fiquei com ódio mortal, vivia imaginando como enforcá-la, quando ela passasse por mim lá dentro.

Fiquei internado exatamente 60 dias.

Um mês na ala particular e um na pública. Não recebia visitas porque nunca mostrei bom comportamento. Foi uma internação muito traumática, uma vez que de nada serviu para colocar na minha cabeça que eu devia parar de usar drogas. Ao contrário, só planejava os tamanhos dos "charutos", das "bombas" que iria fechar e fumar, até morrer.

E os meus pais? Estava com muito ódio deles terem me deixado lá e queria vingança.

Não vi mais meu pai durante os próximos dois meses que fiquei internado.

4 A INTERNAÇÃO

Hoje sei que até mesmo aquela internação muito doida foi importante para mim.

Afinal de contas, alguma coisa meus pais fizeram para me ajudar, dentro do pouco conhecimento sobre o assunto que eles tinham.

Havia ainda o lance da emergência da circunstância. Eu estava maluco e meu pai não sabia o que fazer comigo. A única ideia que deram para ele foi a de me internar em uma clínica psiquiátrica.

A Pinel foi minha primeira clínica. Mais 14 vieram depois dela.

Cinco dias depois que saí da Pinel tive a recaída. Peguei um dinheiro na carteira de meu pai, durante a noite, enquanto ele dormia e saí para rua. Fui até uma favela e comprei um tijolinho de maconha. Sumi de casa por uns cinco dias. Fiquei só andando pela rua, dormindo embaixo das escadarias do centro.

Passados os cinco dias, fui para casa da minha mãe. Ela me deixou permanecer por lá alguns dias, enquanto pensava no que ia fazer e de como iria resolver o problema com o meu pai. Eu dependia dele para viver e o juiz tinha dado minha guarda para ele.

Um dia, minha mãe saiu e eu fui para o quarto dela fazer uma "revista". Achei todas as joias dela. Peguei tudo. Ela tinha quase um quilo em joias. Peguei o material e levei até um amigo e fiz ele empenhar tudo aquilo. Deu uma grana dos diabos.

E com os bolsos forrados, me mandei para a Argentina. Mas antes, mandei a cautela do penhor (documento que comprova o empenho das joias na Caixa Econômica Federal), pelo correio, para minha mãe. Acho que a coitada deve ter chorado por uns dez dias sem parar.

Fiquei sete meses na Argentina. Só que o dinheiro não durou muito. Acabei ficando pelado, sem nenhum tostão no bolso. Cheguei a dormir vários dias à beira da praia, em Mar Del Plata, com cinco graus abaixo de zero. Eu dormia embaixo de uns papelões que tinha arranjado nas lojas do lugar.

Lembro-me de que uma noite, apareceu um cara muito esquisito que veio me fazer uma proposta. Perguntou se eu não queria dormir em uma cama quentinha, comer alguma coisa na casa dele. Eu só precisava fazer o que ele quisesse. Puxa vida o cara era nojento.

Tinha um montão de cicatrizes na cara, mas se vestia bem. Senti logo o que ele queria, pois já estava acostumado com os meus camaradas que saíam com os caras da Praça da Alfândega.

O cara tinha uns trinta e cinco anos, não era gordo nem magro. Só era muito esquisito mesmo. Olhava para todo lado, como se estivesse com medo de ser preso ou como se alguém estivesse nos vigiando. Lógico que neguei a "barbada". Barbada nada. Sei lá o que ele iria fazer comigo. Pela cara que ele tinha, era certo que iria me estuprar e depois me matar. Pulei fora. Preferi ficar passando frio à beira da praia.

Pela manhã, fui para o asfalto e, de carona, voltei para o Brasil.

Enquanto estive na Argentina, meio que parei de usar drogas na marra. Sentia muita vontade, mas não conseguia nada. Naquele tempo, era época da ditadura e a polícia prendia todo mundo sem dar maiores explicações.

Acho que voltei para o Brasil, principalmente por causa das drogas. Enquanto estava na Argentina, me virava lavando louça nos bares, lavando chão de restaurantes, mas também já estava louco de saudades de minha família.

Voltei para a casa de minha mãe e, para minha surpresa, fui bem recebido, já que ela estava com muitas saudades também.

De volta a Porto Alegre, comecei tudo de novo e então veio a segunda internação. O Hospital Espírita.

5 NOVA RECAÍDA

Minha nova recaída foi novamente com a maconha, mas logo voltei para o Artane.

Lembro-me de que antes de ser internado, tive uma viagem muito louca.

Eu estava em frente à Assembleia Legislativa, no meio da praça, em frente à Catedral Metropolitana de Porto Alegre. Era mais ou menos meia-noite. Estava eu e um amigo. Recordo-me que tinha um vidro, com cem comprimidos, que havia arranjado.

Naquele tempo o remédio ainda não era controlado, era fácil para se comprar nas farmácias. Graças a Deus, hoje não é mais tão fácil conseguir.

O meu colega abriu o vidro e meu deu uns dez comprimidos. Nós tínhamos comprado uma garrafa de Coca-cola e a usamos para poder engolir o remédio. Eu tomei tudo de um gole só. Estávamos sentados junto a um monumento.

Ficamos conversando alguns minutos e nos observando, esperando o efeito chegar. E nada acontecia.

Resolvemos tomar mais vinte drágeas. E nada. Bom, não sei quantos eu tomei, mas sei que chegou uma hora que o vidro acabou. Eu e o meu amigo resolvemos nos levantar e dar uma caminhada. Foi aí que notamos que o efeito tinha começado porque nossas pernas se flexionaram quando ficamos de pé e caímos no chão.

Acho que fiquei deitado sem conseguir me levantar umas três horas pelo menos. Quando consegui, saí cambaleando.

Perdi a consciência do que estava fazendo e apaguei. Quando recobrei, tudo estava na escuridão. O meu amigo havia desaparecido, não sei para onde.

Os postes de luz estavam apagados. As casas e os prédios tinham desmoronado à minha volta, tudo era somente escombros.

Foi a imagem mais feia que já vi em minha vida. Os carros estavam cobertos com uma poeira que brilhava. O ambiente, o ar, ao meu redor, tudo cheirava carne apodrecida.

Havia cápsulas de balas, de armas de fogo, espalhadas pelo chão, em todos os lugares. Também poças de sangue, inexplicáveis, pois não havia corpos. Apenas sangues coagulados, que exalava um cheiro agriadoce que me dava náuseas. De repente, senti que estava amanhecendo. Olhei para o céu e não enxerguei as nuvens.

Havia uma poeira no ar que não deixava ver o firmamento.

Não conseguia enxergar nada, através daquela bruma poeirenta. Meus olhos ardiavam muito e as lágrimas corriam sem parar. Sentia que meu corpo ardia todo. Era como se um gás corresse minha pele. Eu me coçava, tinha vontade de me atirar em alguma poça de água. Mas ao meu redor, só havia poças de sangue. Sangue coagulado.

Com o amanhecer, notei que figuras humanas começavam a surgir, de todos os lugares. Pareciam fantasmas. Despontavam nas esquinas. Saíam de dentro dos carros destruídos.

As portas dos edifícios, em ruínas, se abriam, e dali saíam pessoas em péssimo estado. Suas roupas estavam rasgadas, verdadeiros farrapos humanos. Nos olhos, marcas profundas de olheiras. Os olhos sem brilho mostravam uma tristeza profunda, uma falta de esperança que me emocionou e me fez chorar. Entrei em desespero vendo aquele quadro e me deu vontade de sair correndo gritando por ajuda.

Descobri, então, como se uma luz tivesse brilhado em minha cabeça, que o mundo havia sido destruído por um holocausto nuclear.

Dei-me conta que a poeira que cobria os carros era da nuvem radioativa que havia coberto o planeta. Comecei a pensar o que haveria detonado a guerra. Não conseguia entender por que de termos chegado a este ponto. Comecei a examinar todo o meu corpo, à procura de algum sinal de ferimento.

Mas o meu corpo estava intacto. Não havia feridas. Nem arranhões. Minha roupa continuava limpa como se eu tivesse tirado ela da loja naquele dia.

Não entendi mais nada.

Como é que eu não havia sido atingido como todo mundo?

Senti-me mais perdido ainda. Não achava justo, estar bem, enquanto tantas pessoas estavam morrendo e tantas outras mortas. Comecei a ter vontade de socorrer as pessoas que andavam feito zumbis. Mas não sabia como. Não tinha remédios, nem faixas, nem ataduras. Como socorrê-las?

Em um segundo depois, vi-me dentro do apartamento de minha mãe.

Tudo havia voltado ao normal.

Foi como se eu tivesse tido um pesadelo. Mas tinha sido muito real. O sentimento de desamparo ainda continuava a agitar o meu coração que não parava de bater com muita força.

Fui correndo até a janela para olhar para a rua. Tudo estava normal. Senti um desafogo em meu coração e lembro que caí sentado no chão, soluçando sem parar.

Nunca havia sentido tanto horror em minha vida. Chorava agradecendo por tudo ter sido apenas mais uma horrível alucinação produzida pelas drogas.

Eu estava muito magro. Não conseguia passar dos 56 quilos. Minha mãe, muito assustada com a situação calamitosa do meu corpo, exigiu que eu me internasse, caso contrário, disse que eu devia sair de casa, que ali não poderia mais ficar. Eu, sentindo a coisa feia para o meu lado, aceitei a nova internação. Mas cá comigo, não tinha nenhuma intenção de parar com as

drogas. Não me importava em estar me destruindo e muito menos em estar magro, puro osso e pelanca.

Sentia vontade de usar droga, como se fosse uma pessoa perdida no deserto, clamando por água. Para satisfazer esse desejo, eu faria qualquer coisa. Mas sabia que precisava ter uma casa, um lugar para ficar e que o apoio de minha mãe era importante, até para eu poder continuar usando.

Fui para a clínica, totalmente contrariado, mas sem deixar que minha mãe notasse.

Lá, a coisa foi horrível. Ela me internou em uma ala pública onde estavam pessoas com problemas mentais gravíssimos. Pessoas que haviam enlouquecido completamente, outras com vários graus de insanidade mental. Poucos viciados em drogas ilegais. Muitos alcoólatras também.

Comecei a tomar vários medicamentos que me foram receitados pelo psiquiatra da clínica. Receitou-me um benzodiazepínico (remédio à base de Diazepam) e um neuroléptico.

Também tomava um antidepressivo para regular o estado de humor que nos viciados se altera muito fácil.

O neuroléptico (Neozine 100mg) logo impregnou meu organismo. Meu corpo se enrijeceu todo. Contraíram-se todos os meus músculos, uma dor horrível tomou conta de mim.

Senti-me péssimo. Comecei a me queixar da situação na enfermaria e as atendentes levaram para o lado mau, como se fosse ofensa, e registraram no livro de ocorrência que eu estava incomodando a enfermagem, fingindo uma impregnação.

Nos casos de impregnação do organismo, o médico tem a orientação de prescrever Fenegan injetável, já que este medicamento relaxa toda a musculatura e o paciente para de sofrer. Porém, este tipo de medicamento também causa dependência química, os médicos não gostam de ministrar em seus pacientes esse produto. Muitos pacientes, realmente até fingem um estado de impregnação, pois querem essa injeção.

Eu, porém, não fingia, já que era muito sensível a substância química ativa do Neozine que realmente me impregnava poucos minutos após sua ingestão.

Sofri muito naquela clínica psiquiátrica.

Sofria muito também, vendo aquelas pessoas com problemas mentais.

Tinha vontade de ajudá-las, e não podia. Fiz amizade com muitas delas, conversava muito. Soube de diferentes histórias, cada uma mais dramática que a outra.

Meu pai, pouco me visitava, até porque ele sofria muito quando me via internado. Sempre era um choque. Ele nunca aceitou minha dependência como uma doença incurável, conforme ela é considerada, pela OMS – Organização Mundial da Saúde. Sempre evitava conversar com meus terapeutas.

Certa vez em que ele me viu cheio de esparadrapos no braço, em função dos soros, ele teve um ataque. Começou a se jogar contra as paredes, gritando e chorando sem parar. O coitado teve uma crise nervosa. Teve de ser medicado. Lembro-me de que, depois de tantos anos de muita dor, eu e ele choramos abraçados.

Naquele dia, prometi que não iria mais recair. Tenho certeza de que foi uma promessa que veio de dentro do meu coração, mas ainda não estava madura a decisão de aguentar a qualquer preço a tentação de usar novamente.

Talvez pelo seu pouco estudo e pelo pouco tempo que tinha para buscar informações, meu pai sustentasse seus argumentos, com o pouco que tinha em sua bagagem de conhecimentos e de experiências.

Diga-se de passagem, que os familiares de meu pai sempre foram muito conservadores e o uso de drogas significava o fim do mundo. Nunca houve argumento que os deixasse mais flexíveis quanto a casos de drogas na família.

Era sem-vergonhice e ponto final.

Lógico que quem usa drogas acaba tornando-se uma pessoa sem escrúpulos em função da alteração de nossa personalidade, dos hábitos adquiridos com a companhia de "amigos" com o mesmo problema. Principalmente quando se está sob o efeito ou sob "fissura".

Porém, quando conseguimos desintoxicar e ficar um bom tempo fora (mais de um ano), voltamos a ser como deveríamos ser.

É lógico que, somado a nossa personalidade restaurada, ficam também os problemas causados pelas sequelas deixadas pelo tempo do uso de drogas.

Alguns problemas são a incapacidade de memorizar informações, problemas físicos, problemas neurológicos irreversíveis etc., que, às vezes, se refletem gravemente.

Ainda acontecem esses problemas comigo.

O pior de tudo é que a tentação fica para sempre – como sempre gosto de repassar nos eventos que participo.

A vontade reprimida de voltar a recair. E a espiritualidade inferior, que eu mesmo, às vezes, ligo-me por maus pensamentos, comportamento inadequado, enfim, não é fácil num mundo materialista manter-se eternamente sob a orientação do Mestre que nos ensinou uma máxima: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação".

6 SAINDO DE OUTRA INTERNAÇÃO

Quando saí do Hospital Espírita de Porto Alegre, estava cinco quilos mais gordo.

Minha mãe me incentivou a voltar aos estudos, resolvi fazer um supletivo do 1º grau. Por incrível, consegui concluir.

Sentia tentação de recair, mas estava aguentando bem. Estava chegando aos dezoito anos. A maioridade tão esperada.

Confesso que não consegui notar como cheguei aos dezoito anos. Foi tudo muito rápido.

Acho que perdi os prazeres de uma adolescência normal. Ainda não havia tido nenhuma experiência sexual. Nunca houve oportunidade e aos dezoito anos eu ainda era "virgem".

Não havia tido nenhuma experiência sexual, também, porque nem ao menos eu procurava por isso.

Não me lembro de nenhuma vez que tivesse me interessado por alguma guria enquanto estava em plena "ativa", como a gente chama.

Para o usuário de drogas e, principalmente, para a menina viciada, a questão dos problemas quanto à nossa sexualidade é muito presente.

Na menina usuária de maconha, há um atraso na menstruação, cólicas frequentes, problemas de pele. Já o menino não nota muito que acontece com ele nessa área porque ele não se preocupa tanto com o corpo quanto à mulher.

Eu, por exemplo, nunca observei o crescimento do meu corpo. Não estava nem aí para isso.

Ora, a maconha age diminuindo a produção dos hormônios produzidos pelas nossas glândulas hormonais. No meu caso, havia vários problemas que nem notava. Um dos maiores, que até as pessoas me falavam, era a questão da minha voz que

não queria engrossar nunca. Tinha sempre uma voz de taquara rachada.

Em 1997, fiz um tratamento com injeções de testosterona (hormônio masculino), isso fez com que minha voz ficasse mais grave para minha felicidade, mas ainda quando atendo o telefone, as pessoas pensam que é uma mulher.

Também tive e tenho um problema sério de constituição muscular. Ou seja, minha musculatura é mal formada. Tenho uma tendência a deixar cair a cabeça para frente. Isso acontece porque quando estava com doze, treze anos, a parte da musculatura dos meus ombros e costas estava se desenvolvendo e eu estava profundamente metido na maconha.

Para o desenvolvimento muscular, o hormônio masculino é imprescindível.

Não há desenvolvimento muscular sem um normal fluxo das glândulas hormonais. Minha barba também pouco cresceu. E a questão da maturidade também foi afetada.

O homem, para se tornar um ser naturalmente desenvolvido em sua maturidade mental, depende, substancialmente, da liberação hormonal, sem o quê, nunca passará de um estado mental de adolescente para o de um adulto. Não basta apenas o passar dos anos ou o acúmulo de experiências. É necessária a liberação hormonal sempre presente nesse processo de desenvolvimento, do corpo e da mente humana.

Nessa época, comecei a notar também que estava com muitos problemas nos dentes.

Fui a um dentista, ele encontrou catorze cáries, dois canais para fazer e dois dentes permanentes que só restavam extrair de tão podres que estavam. Minha mãe conseguiu que meu pai pagasse todo o tratamento odontológico. O que custou uma verdadeira fortuna.

Ao final do tratamento, fui obrigado a colocar uma prótese provisória, que uso até hoje.

Ela já se quebrou três vezes e atualmente não tenho condições financeiras de substituí-la, pois é muito cara.

Meus problemas na dentição toda também foram ocasionados pelo efeito da maconha. Quem não sabe que ela seca a boca? Só quem nunca usou.

Você sabe para que serve a saliva?

Nós aprendemos na escola que ela serve para a formação do bolo alimentar. Mas não é só essa a sua função. Nas palestras que faço, sempre conto a historinha da mamãe urso:

“Um dia, a mamãe urso estava em frente ao seu microondas, programando o tempo de cozimento da refeição do seu filhotinho. O ursinho, muito arreiro, aproveitou-se da distração da mamãe e se mandou caverna a fora em uma grande aventura. Na corrida, ele tropeçou e caiu, machucando sua patinha. Voltou para casa mancando, sangrando e assustado, chorando de dor. Mamãe urso, quando viu o ferimento na pata do seu bebê, saiu desesperada para o quarto, pegou o seu celular e ligou para o pronto-socorro pedindo uma ambulância urgente. Mas a ambulância teve muita dificuldade para chegar até a montanha, no meio da floresta virgem. Então, a mamãe, aflita, teve que tomar uma atitude: lambeu e lambeu a patinha ferida, até que o sangramento interrompeu e o ursinho se acalmou. E viveram felizes para sempre.

Eis o poder da saliva.

Ela contém substâncias químicas que agem como se fossem uma água oxigenada, desinfetando e higienizando a ferida.

No caso do ser humano, a saliva também consegue manter a higiene de nossa boca, destruindo boa parte das bactérias a que a ela tem acesso. A saliva também mantém a saúde de nossas gengivas.

Quando eu fumava maconha, o Delta-9-tetrahydrocannabinol (Delta-9-THC) agia sobre meu cérebro não apenas interrompendo as funções de minhas glândulas

hormonais, mas também as das glândulas salivares. Era por isso que eu vivia com gengivites. Minhas gengivas inchavam, ficavam expostas, as raízes dos meus dentes ao ar que cariavam mais facilmente. Enquanto estamos na "ativa", não nos preocupamos com as cáries, deixamos assim mesmo. Azar.

Outro dia, fui convidado pelo gabinete da primeira dama do Estado do Rio Grande do Sul para participar de um debate com o Fernando Gabeira, o Deputado Federal que ainda teima em defender a liberação da maconha no Brasil. Em certo momento, um jovem ali presente lhe perguntou se ele deixaria a sua filha adolescente usar maconha tranquilamente.

Ele respondeu que se a maconha não viesse a interferir nos estudos dela, na sua felicidade, enfim, não haveria por que proibi-la disso.

Achei uma das respostas mais imaturas de um pai que já ouvi em minha vida e lembrei ao senhor Gabeira dos prejuízos no desenvolvimento das características sexuais da menina que ocorreriam caso isso acontecesse.

Naquele momento, ele foi defendido pela apresentadora do programa Barraco/MTV, que coordenava o debate, com o argumento de que aquilo podia não acontecer e que ninguém sabia ao certo se isso era verdade etc.

Ora, já temos a publicação do último relatório da OMS – Organização Mundial da Saúde – que afirma que depois de muitos estudos com usuários de maconha, o problema na inibição hormonal é um fato constatado cientificamente em laboratório.

Naquele dia, o senhor Gabeira mostrou ao mundo que tinha pouquíssimas informações sobre o assunto e que estava aproveitando-se da polêmica por objetivos questionáveis e que, na verdade, ele jamais se importou conosco, os jovens.

O que realmente ele quer de nós são os votos. Isso, sim, é que lhe interessa muitíssimo.

7 A RECAÍDA NA COCAÍNA NA ACADEMIA DE POLÍCIA

Assim que terminei o supletivo de primeiro grau, tive outra recaída.

E fui muito mais fundo dessa vez.

Eu tinha feito concurso para a Brigada Militar, tinha passado e já estava fazendo o curso na ESFECs – Escola de Cabos e Soldados da Brigada Militar.

O curso era muito puxado. Não aguentava o ritmo dos exercícios físicos e dos estudos, então, resolvi voltar a usar drogas, acreditando que me faria bem.

Ilusão de viciado.

A recaída é sempre assim.

Pensamos que dessa vez conseguiremos nos controlar, que estamos mais velhos e senhores de si, que temos mais experiência, por isso não perderemos o controle, essas idiotices fomentadas pela própria doença que pretende sempre justificar a recaída.

Foi uma pena, pois eu estava gostando muito de ter entrado para a Brigada Militar.

Foi minha primeira conquista na vida.

Minha mãe, minha avó e meu pai estavam muito orgulhosos de mim. Os problemas pareciam definitivamente ter acabado. Mas que nada, só estavam começando.

Na Polícia Militar, a coisa é séria mesmo. É preciso muito esforço para concluir um curso tão exigido quanto aquele que estava frequentando. Drogas nem pensar. Mas acabei conhecendo alguns rapazes de minha turma que usavam drogas. E o pior, usavam cocaína.

Até, então, nunca a tinha experimentado devido ao medo e a um aviso interior que eu tinha. Mas fumar maconha durante um curso na polícia é ruim. Fica o cheiro na roupa. Tem que "esmorruçar" (triturar para poder fechar o cigarrinho), isso

demandava tempo, maiores cuidados, riscos que eu não estava a fim de passar, pois não queria ser expulso. Então, aceitei a cocaína, que um dia um dos rapazes me ofereceu.

Naquele momento, uma página muito diferente na minha vida começou a ser escrita. Naquele momento, eu me autocondenei à dor, à paranoia que até hoje me acompanha e ao desamparo de minha família.

Aceitar a cocaína foi a mesma coisa que dizer: "Sou culpado! Fuzilem-me! Quero morrer!"

A cocaína entrou na minha vida, como um tanque de guerra, destruindo tudo.

Emagreci de uma hora para outra. Virei pele e osso. Não sei como, consegui concluir o curso, passei por um fio.

Fui trabalhar na rua, mas logo enlouqueci.

Cerca de cinco meses depois de ter concluído o curso, comecei a ter umas paranoias horríveis.

Achava que todo mundo queria me matar, e o pior é que trabalhava armado, vivia achando que alguém iria chegar por trás, tirar-me a arma e dar um tiro em minha cabeça. Também o serviço era barra pesada. Às vezes, eu trabalhava na PATAMO, um Grupo Tático da Brigada que fazia patrulhamento ostensivo, com armas pesadas, e enfrentávamos grandes operações policiais como barreiras, revistas em favelas etc. Isso me deixou mais comprometido, psicologicamente falando.

Um dia, cheguei completamente alucinado ao quartel, acusando todo mundo de traição e espionagem. Acabei sendo mandado para o Hospital Psiquiátrico da Brigada Militar, em Porto Alegre.

Foi o fim de minha carreira policial.

Acabei sendo excluído por incapacidade física para o exercício da função, como eles dizem: alínea 4ª.

No Hospital Psiquiátrico da Brigada Militar, tive uma das mais intrigantes alucinações de minha vida: passei quase dois meses achando que era Jesus Cristo, e ainda acreditava que

Jesus não precisava usar roupas, por isso, andava nu pelo pavilhão psiquiátrico.

Eu não aceitava usar roupas e quando me davam, pegava-as e jogava-as tudo pela janela.

A enfermagem ia lá fora buscar e me trazia de volta. Eu pegava e jogava pela janela, tudo de novo.

Foram tantas vezes, que cansaram e deixaram de me entregar. Guardaram tudo.

Lembro-me de que uma tarde entrei no quarto, vi uma colcha branca sobre a cama. Dei-me conta que ali estava a minha roupa oficial: o Manto Sagrado.

Meus pais, quando me visitavam, tinham que entrar embaixo do "manto sagrado", enquanto isso, eu ficava rezando vários pais nossos para eles saírem mais "purificados". Coitados.

Como sofreram aquela vez.

O interessante é que ainda hoje me lembro de todas essas minhas alucinações, com perfeição, porém, coisas da minha infância e adolescência, não me recordo. Lembro-me bem de que uma noite fui visitado pelo próprio diabo, ou "algo" que usou a forma dele.

Eu estava deitado na cama. Alguém da enfermagem veio e apagou as luzes do meu quarto. No meio da escuridão, comecei a sentir que eu não estava sozinho. Sentia uma presença que me dava arrepios.

Sabia que era alguma coisa que estava ali para me fazer mal.

Aos poucos, senti que a coisa se aproximava mais de minha cama. Ouvei um rosnar e depois alguma coisa que parecia um cachorro mastigando e se lambendo todo. Foi assustador.

Tinha vontade de gritar, mas pensei que se gritasse, o bicho iria me comer inteirinho.

Puxei o lençol sobre minha cabeça, cobri todo o meu corpo e comecei a tremer feito uma vara verde. Sentia que o bicho se

aproximava cada vez mais de minha cama. Sempre mastigando e rosnando baixinho.

Comecei a sentir um cheiro de podre, um cheiro de esgoto que inundou o nariz. Senti vontade de vomitar. Aquela coisa então subiu em minha cama. Que droga, pensei. O bichano foi subindo devagarinho. Primeiro uma pata. O peso da pata fez afundar a cama de mola e tudo rangeu.

Veio o outro pé que passou por cima de mim e foi ficar na cama, do lado da parede. O outro pé ficou perto das minhas pernas e o quarto, no meio. Quase morri de medo.

Ouvi que um líquido começou a ser despejado por cima de mim e dei-me conta que aquela coisa estava se meando toda. Ele estava meando em cima de mim por gosto.

Depois, vi que começou a cair uns "troços" em cima dos meus pés. Era cocô. Senti que a urina fedorenta daquela "coisa" atingia a minha roupa e me molhando todo, ensopando todo o meu colchão. Só sei que comecei a rezar e desmaiei.

Fiquei bastante tempo achando que era Jesus, com o passar dos dias, fui voltando a mim.

Recebi alta e fui para casa.

Tinha ficado tão impregnado com a medicação, que demorei cerca de um mês para recuperar os reflexos e a coordenação motora.

Tive que tomar uma medicação à base de Piracetam para reoxigenar minhas células nervosas, pois meu cérebro estava embotado de tanta intoxicação medicamentosa.

8 UM AMOR NA MINHA VIDA

Após dois meses longe das drogas, conheci uma menina. Acho que me apaixonei pela primeira vez em minha vida. Ela era de uma personalidade muito forte, decidida, e exerceu, sobre mim, um grande domínio. Foi a primeira mulher de minha vida.

O incrível é que ela também nunca havia tido um namorado, eu também estava sendo o primeiro homem em sua vida. Então, por isso, posso afirmar, categoricamente, que descobrimos nossa sexualidade juntos.

Foi um acontecimento único em nossas vidas, muito delicado e bonito, recheado de muito romantismo.

Fazíamos jantares à luz de velas e nos presenteávamos. Tudo era maravilhoso. Mas ela trabalhava muito. Eu, na época, tinha conseguido um emprego com um advogado e ele acabou se candidatando a vereador e eu assumi o controle da campanha dele.

Tudo estava perfeito. Eu trabalhando; ela também. Acabamos resolvendo ir morar junto e depois pretendíamos nos casar.

O advogado se elegeu, eu ganhei um cargo de auxiliar parlamentar na Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Comecei a ganhar muito dinheiro.

Os nossos planos de casamento estavam a todo vapor. Já imaginávamos até um filho para o outro ano. Ela me cuidava muito.

Já estava quase oito meses sem drogas, as coisas iam muito bem.

No gabinete, porém, começaram a surgir problemas. Comecei a encontrar algumas resistências. Não aceitava a corrupção descarada que eu via acontecer lá dentro.

Vi que meu vereador se mantinha omissivo, ou melhor, ficava quieto e absorveu a "panelinha". Comecei a ficar decepcionado com tudo aquilo.

Eu tinha muitos planos e muitas ideias que surgiram durante a campanha não estavam sendo colocadas em prática por falta de vontade política. Sempre tive essa coisa de ideologia muito viva em minha personalidade. Isso era muito forte em mim, como até hoje.

Os fatos começaram a me causar estresse e depressão. As sequelas neurológicas do tempo de uso de drogas começaram a se manifestar em um quadro grave de esquizofrenia paranoide.

Ninguém entendia nada. Meu comportamento começou a mudar com as pessoas. Comecei a ficar nervoso, largava na cara delas as verdades que eu acreditava.

Armei toda a recaída e foi no que deu. Recaí. Comecei primeiro com a maconha, achando que seria o suficiente, que teria controle, mas ficava mais deprimido ainda. Chapado e sem controle da razão, acabei recaindo na cocaína.

Encontrei com um "amigo" em uma festa e ele puxou um papete que fez eu sujar minhas cuecas na hora.

Não sei se vocês sabem, mas a cocaína age em uma área do cérebro que coordena a formação das fezes e da evacuação, e quando lembramos do seu efeito, imediatamente acontece um fenômeno neuroquímico, em nosso cérebro, que desencadeia uma ordem a um grupo de neurônios que entende que há a necessidade de se ir aos pés (pelo menos, essa foi a melhor maneira que achei para explicar isso a vocês).

Perdoem-me se provoqueei algum mal-estar. Talvez esses fatos façam vocês compreenderem como é profunda essa coisa da dependência acontecendo em nós.

Não é apenas psicológico como muitos dizem. É físico. É neuroquímico.

Os neurônios guardam para sempre, em sua memória, o efeito da droga que age sobre nossa mente, solicitando. Por que

não dizer até, preparando a nossa recaída. É como se houvesse um programa de computador funcionando em um arquivo escondido, preparado para agir quando a "senha" for "digitada".

A minha recaída foi fatal. Por três vezes minha guria chegou em casa e não havia nada no apartamento. Nem os vasos de flores haviam sobrado. Eu entregava tudo para o traficante. E quantas vezes, em troca de nada.

Coitada. É impossível em poucas páginas descrever o sofrimento daquela menina. Ela, com certeza, me amava muito, caso contrário, não teria aguentado o que suportou.

Quantas vezes ela acordava de noite e colocava a mão no lugar onde eu devia estar deitado, sem me encontrar. Quantas vezes ela perguntou por mim. Quantas vezes, eu gritei debaixo da cama que estava lá.

Lembro-me de que ela ficava no escuro, chorando. Eu, embaixo da cama, morrendo de medo de um fantasma que eternamente me perseguirá, suando em bicas.

Meu coração, a 140 batidas por minuto, não enfartou não sei por quê.

Eu fedia a cocaína. Exalava cocaína por todos os poros. Imagine como fica nosso corpo perispiritual, então. É um cheiro de éter que inunda o ambiente onde se está.

Eu mesmo sentia aquele cheiro horrível que saía de minha própria pele, que brilhava, devido aos cristais de coca, que saíam junto com o suor.

Sentia que mãos pegavam minhas roupas e tentavam me puxar para não sei onde. Eram mãos de assassinos. Ah, disso eu tinha certeza.

Ouvia pessoas falando do outro lado da porta. Elas discutiam de que maneira iriam arrombar e de que modo iriam me matar quando a porta se abrisse.

Eu morria de medo.

Eu chorava. Quantas vezes peguei correndo o resto de pó que ainda havia no saquinho que eu tinha e cheirei tudo de uma

vez, só com medo de que a polícia abrisse a porta e me pegasse em flagrante.

Quantas vezes corri o grande perigo da overdose.

Acabei, então, perdendo o emprego. Foi fatal. Expliquei ao vereador minha situação. Ele me deixou um mês de férias.

Após aquele mês, ele disse que o emprego não era mais meu, já que ele não podia correr riscos comigo numa situação daquela. Ele tinha razão.

Minha guria me internou no Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Eu, em um dia de crise de abstinência, acabei fugindo. Não aguentei a crise de abstinência. Foi demais. Comecei a ter câibras pelo corpo todo, uma agonia tomou conta de mim.

Uma hora que abriram a porta que dava para o pátio, derrubei todo mundo e saí correndo.

Fui aparecer em casa, vários dias depois.

A minha guria resolveu tentar cuidar de mim dentro do apartamento e me trancou por um mês inteiro. Chamamos este procedimento de desintoxicação domiciliar.

Era um quitinete e a porta tinha grades no lado de fora. Ela saía para trabalhar e me deixava trancado.

Trazia-me comida e me arrumou uma TV, um videocassete e ficávamos assistindo fitas de vídeo. Usava alguns medicamentos homeopáticos.

Tomava bastante suco de maracujá para relaxar e aguentava a crise de abstinência no osso. Mas eu tinha o carinho dela a me apoiar. Foi a maior demonstração de amor que ela teve comigo, hoje sei disso. Naquela época, minha sensibilidade estava completamente adormecida pelos efeitos tóxicos da droga.

Não tinha como valorizar qualquer coisa que fizessem por mim. A dependência nos torna muito egoístas. Só conseguimos pensar em nós mesmos.

Na verdade, estupidamente, já que se pensa só em nós mesmos, com inteligência, não nos deixaríamos enganar pelo

vício e juntaríamos forças para largar. Mas, ao contrário, nos deixamos facilmente escravizar pela droga, sem nos darmos conta disso.

Só sabemos lutar por drogas, passamos a não dar valor para nada, em uma caminhada suicida.

Muitas vezes já estamos arrebetados, magros, os ossos da face aparecendo, sem forças até para caminhar e, mesmo assim, continuamos defendendo nosso direito ao uso das drogas. Um ato inconsequente de nossa parte, que demonstra quanto ainda precisamos amadurecer, que, na verdade, isso só nos indica que ainda temos muito o que aprender na vida.

Naquela vez, não valorizei o esforço dela. Para mim, era só mais um tratamento e tinha que ficar trancado, sem liberdade. Sem drogas.

Eu não havia chegado à maturidade que tenho hoje. Ainda tinha que tomar na cabeça mais um pouco. A expiação ainda não havia chegado ao fim.

Após um mês, ela me liberou e as coisas voltaram ao normal. Normal entre aspas. Não demoraram dois meses e nova recaída. Agora a coisa foi séria mesmo.

Comecei a ter umas paranoias na rua e quantas vezes fui visto correndo, pelo centro, na madrugada, fugindo do nada. Minha guria então foi à loucura e me deu um cartão vermelho.

Estava liquidado o nosso relacionamento. Eu já estava então, com vinte e poucos anos.

Dessa parte em diante de minha vida, a história começa a ficar difícil de ser narrada por mim, porque, simplesmente, não me lembro de muita coisa.

Após ela ter me deixado, entrei em uma forte crise depressiva e fazia qualquer negócio para esquecer que havia perdido uma pessoa maravilhosa. Não queria sentir em mim os efeitos de minha consciência. Sentia quase uma dor. Uma dor muito forte, que representava todas as perdas de minha vida. Essa dor apontava para um único culpado: eu mesmo.

Eu negava a própria culpa. Através da droga, eu me esquecia dos fatos, já que era tomado por paranoias e alucinações. Eu estava acostumado a enganar minha consciência fazendo-a calar-se.

Quantas vezes, eu a detestei, pois ela me cobrava uma renovação em meus hábitos, que preferia não atender. A mudança me parecia inútil, justificava, que não me levaria a nada, a não ser, que teria que de enfrentar a realidade da vida, que era muito dura.

Na verdade, eu era um grande covarde, ou as drogas me deixavam covarde, confesso que não sei.

Lembro-me de que comecei a andar com uma gurizada "barra-pesada" do centro. Comecei a vender droga misturada com aspirina para quem eu conhecia. Misturava também pó-de-mármore rehidrat e misturava esterco na maconha. Fazia qualquer negócio para arrumar grana.

Nós tínhamos vários "camaradas" que saíam com caras, para arrumar grana. Era uma coisa de mau gosto, mas dava um bom pagamento.

Íamos aos bares gays e sempre saíamos uma ou duas horas com os homossexuais que nos levavam até as suas casas. Lá rolava de tudo, conforme o gosto do cliente. Muitas vezes, até "pintava" violência, roubo.

Nós, completamente "ligados" pela cocaína, "fissurados", não queríamos saber de nada.

O arrependimento é uma coisa que mata. É impossível descrever a dor que a gente sente. Dá uma vontade de chorar, de se matar, de sumir do mundo. Durante minhas crises de consciência, eu pedia a Deus que me tirasse das drogas. Que fizesse com que nunca mais sentisse vontade de usar.

Em uma delas, tive a ideia de tentar o suicídio. Carrego as cicatrizes nos pulsos até hoje.

Eu estava em uma de minhas internações. Bateu-me a crise de abstinência, uma forte depressão. Resolvi me matar.

Pedi o aparelho de barba ao enfermeiro e fui ao banheiro. Tranquei-me. Joguei rapidamente o aparelho de plástico no chão e pisei em cima, até quebrar. A gilete se soltou. Fui para frente do espelho, olhando meu rosto, tive raiva de mim, cheguei à conclusão de que estava fazendo o melhor para todo mundo. Fiz o sinal da cruz e cortei os pulsos, em um golpe forte e profundo, que fez jorrar o sangue para cima.

Com a perda do sangue, perdi os sentidos e caí no chão do banheiro. Não cheguei a sentir nenhuma dor, somente muita ardência no pulso. O sangue encheu o piso e correu por baixo da porta. Alguém da enfermagem deve ter notado e a arrombaram. Acordei recebendo uma transfusão de sangue, na UTI de um pronto-socorro.

Meu pai, mais ou menos nessa época, desistiu completamente de mim.

Eu andava demais.

Teve um dia que eu queria dinheiro de qualquer jeito e ele se negou a me dar. Arrumei então várias latas de tinta spray e pintei todos os carros e os muros das casas da rua dele, com o seu nome e o telefone residencial.

Ele teve que mandar limpar e cobrir todo o prejuízo do pessoal. Soube que muita gente da rua ficou de mal com ele, por um bom tempo.

Com a desistência de meu pai, acho que começou o processo de amadurecimento de minha parte.

Minha mãe também desistiu. Não que ela tivesse realmente desistido, mas acredito que ela havia chegado à conclusão de que o melhor era me largar e me deixar bater com a cabeça.

Eu estava psicótico, violento.

Em uma das minhas loucuras, briguei com ela, porque queria dinheiro. Derrubei-a no chão e a enchi de pontapés. Ela ficou toda roxa, por vários dias. Isso a deixou com o coração muito magoado. Era natural que ela me evitasse.

Quantas vezes cheguei de madrugada e aos gritos, em frente ao edifício, pedia para me deixar entrar. Ela ficava me olhando, pelas frestas da janela, chorando.

Ela conta, e eu não me lembro disso, que em uma manhã, ela abriu a janela do edifício e me viu passar correndo, seminu, descalço, sem camisa, apenas de calção, com uma toalha amarrada na cabeça e um cabide que caía do meio da toalha. Realmente eu não me lembro disso.

A minha avó também tinha desistido. Em uma das vezes que estava em sua casa, após ela me dar abrigo, eu levantei de madrugada, completamente "fissurado", por uma linha de pó, e não tive dúvidas.

Fui até a cozinha, peguei uma faca. Abri a porta do quarto dela, devagarzinho, cheguei próximo da cama. Dei um chute no estrado, foi tão forte, que minha avó acordou em um pulo só. Então, encostei a faca no pescoço dela, fiz me dar o cartão do banco e me dizer a senha.

Pobre de minha vozinha. Tirei todo o dinheiro que ela tinha na poupança. Realmente eu estava completamente psicótico e perigoso.

Quando estamos na droga, perdemos nossos sentimentos. Não importa se é mãe, ou pai, irmão ou irmã, importa é que eles têm dinheiro e precisam nos entregar tudo. E para tirar o dinheiro deles, vale qualquer negócio. Nessa época, eu comecei a me dar muito mal.

Sem mais o apoio da família, tive que começar a roubar, a me prostituir, a fazer qualquer coisa.

Fui definhando porque não comia nada, a cocaína me tirava toda a fome. A cocaína é um analgésico. Anestesia o estômago e se perde a fome.

Também se começa a emagrecer porque o corpo precisa se sustentar, mesmo que não estejamos nos alimentando.

Para isso, nosso organismo começa a se utilizar dos depósitos de gordura, de músculos, do tecido adiposo e do tecido

muscular. É por isso que todo viciado em pó, crack, ou inalantes emagrece a olhos vistos.

A cocaína também provoca diarreia constante, pelo motivo que já expliquei, algumas páginas atrás. Nessa época, tive minha primeira overdose.

Não consigo me lembrar, com exatidão, em qual ano. Minha memória é péssima devido à destruição de sua capacidade de armazenar informações e fatos passados.

Sei que quase morri. Tinha cheirado demais e o meu organismo entrou em choque.

Acabei no pronto-socorro e de lá para uma clínica psiquiátrica do estado.

Lembro-me de que passei muitos dias tomando soro. Quando melhorei, uns dez dias depois fugi da clínica e voltei às drogas.

Fiquei por vários dias na rua e acabei pedindo água, ou seja, fui até o São Pedro e arrumei uma vaga para mim. Fiquei internado vários dias, quando ganhei alta, liguei para minha irmã, em São Paulo, e pedi para que ela deixasse eu ir morar com ela. Ela deixou.

9 A VEZ DO CRACK

Em São Paulo aconteceu o pior. Conheci o crack, que tanto havia escutado falar.

Eu estava bem com minha irmã. Ajudava ela a cuidar de minha sobrinha, ela confiava em mim. Ela era casada com um cara que trabalhava na área de segurança. Esse rapaz tinha um revólver e eu acabei roubando a arma.

Com a arma, subi a favela do Jardim Miriam e troquei o revólver, por 48 pedras de crack. Lembro-me de que encheu um saquinho.

Foi arrasador como tudo aconteceu. Eu nunca havia fumado aquilo antes.

O crack é muito violento. Chega ao cérebro em 15 segundos e o efeito é destruidor.

Com as pedras de crack, me internei em um quartinho de hotel e fiquei seis dias fumando as "pedras", sem parar.

Quanto mais fumava, mais vontade tinha de fumar. Era impossível parar. O crack me ressecava a garganta. Provocava-me uma tosse que doía toda vez. Mesmo assim, eu não parava de fumar.

Fiquei aqueles seis dias sem comer e sem dormir. No sexto dia, sem sair do quarto, eu já estava um caco. Havia emagrecido uns 14 quilos no mínimo. Meu coração começava a doer de tanto ter que trabalhar sob estresse. Meus olhos eram duas bolitas gigantes e estaladas, eu não conseguia sequer cerrar as pálpebras.

A coisa foi muito violenta. Iniciou-se o processo de overdose.

Comecei a estertorar, a ter convulsões, urinei nas calças. Sentia um frio horrível e babava como louco. Eu estava morrendo.

Naquela hora, me lembro de que pedi mentalmente a Deus por uma chance. Pedi que não me deixasse morrer. Vi que dessa vez era o fim.

Senti a morte de verdade. Desta vez, não teria retorno, pensei. Senti isso dentro de mim e fiquei apavorado com a morte que se aproximava.

Todas as minhas forças se concentraram na imagem de Jesus. Lembrei-me do Salmo 23. Pedi perdão e apaguei. Acordei no Hospital e Pronto Socorro do Jabaquara, com uma agulha espetada em minha veia. Era soro.

Eu não havia morrido. Cheguei à conclusão de que Deus havia aceitado meu pedido, que uma nova chance havia ganhado. Eu estava decidido a não desperdiçá-la novamente.

Do hospital de Jabaquara, conseguiram uma vaga na Clínica Santa Fé, em Itapira-SP. Fiquei vários meses. De lá, fui para o Hospital Charcot, de volta à São Paulo, capital.

Daquela clínica, consegui entrar em contato com minha mãe, que a essas alturas morria de preocupação sobre o meu paradeiro. Ninguém sabia o que tinha acontecido comigo. Minha mãe ficou muito feliz em saber que fazia vários meses que eu estava internado e a esperança voltou a brilhar. Ela resolveu me internar em uma clínica em Porto Alegre e me fez voltar para o Rio Grande do Sul.

Ainda me lembro de que, como não tinha roupas, tive que voltar no ônibus interestadual, com o uniforme do Hospital Psiquiátrico Charcot.

Foi um retorno de muita emoção para mim. Sentia que estava voltando para casa e que tudo havia terminado. Que dali em diante, eu iria trilhar o caminho da restauração.

Quando cheguei a Porto Alegre, ainda fiquei uns três dias na casa de minha mãe, até que surgisse uma vaga em uma clínica particular, aqui em Porto Alegre.

Surgida a vaga, minha mãe me internou novamente. Mas agora, não havia mais a necessidade de tantos cuidados, pois já

vinha desintoxicado de São Paulo. Pude de imediato, passar a receber visitas e tive um ótimo atendimento, por parte do meu novo médico, o Dr. Rômulo Vieiro. Todos os médicos anteriores não se acertaram comigo.

Eu tinha necessidade de conversar, de bater papo, sobre minha vida. Até de ser xingado. Queria conselhos, queria me conhecer, queria entender minha própria doença. Queria saber, porque tinha tanta compulsão, porque tinha tanta tentação e como evitar a recaída. Comecei a estudar vários livros, enquanto estava internado, e lá dentro, tive a ideia de fazer a minha primeira obra que acabou se intitulando: "Meu Filho Não!".

Foi uma coisa incrível. Nunca havia composto um livro. Nem sabia como. O Dr. Rômulo, muito envolvido, me apoiou, me estimulando até. Trouxe-me várias obras. Mostrou-me o CID 10 – Código Internacional de Doenças –, trouxe diversas publicações da área, então, comecei um grande trabalho de pesquisa. Minha mãe patrocinou a obra e mandou imprimir o primeiro milheiro. Hoje, já está na 3ª edição.

As coisas foram acontecendo muito rapidamente. Acabei indo morar no município de Porto Xavier, e lá, junto com um grupo de teatro, formado por crianças e jovens, produzimos uma fita de vídeo que se intitulou: "Drogas, Abuso e Prevenção". Foi um trabalho que demorou sete meses para ser concluído.

Minha mãe teve que vender o carro que tinha para cobrir as despesas com a produção do filme. Todos nós trabalhamos como atores e como quebramos a cabeça. Foi muito difícil, maquiagem, iluminação etc. Enfrentamos várias dificuldades. Toda a comunidade do município de Porto Xavier nos apoiou, o que nos facilitou a produção.

Mesmo assim, foram quase sete meses de gravação. Quando terminamos as crianças não aguentavam mais. Deus me iluminou, me orientando na montagem do roteiro e na direção. Com a conclusão do vídeo, começamos a distribuí-lo para as escolas de todo o Brasil. Mais tarde, as pessoas começaram a nos

pedir palestras para explicar a nossa abordagem e, então, nasceu o Projeto Renascer.

10 TRATAMENTO DA PREVENÇÃO DA RECAÍDA – RESSOCIALIZAÇÃO

Com o nascimento do Projeto Renascer, um novo tratamento começou em mim. Já fazia quase um ano que estava sem usar drogas. A probabilidade da recaída estava aumentando.

Para se chegar a esta conclusão, bastava olhar para trás, na história da minha dependência química. Era lógico que logo eu voltaria às drogas. Ainda hoje procuro explicar que sinto, sim, vontade de usar. Sinto uma forte tentação que às vezes me faz pensar. Mas, se é assim, porque ainda não recaí? Ou será que logo isso acontecerá novamente?

Minha vida se transformou totalmente. Isso todos que atualmente me cercam podem testemunhar. Apesar de haver o perigo da recaída, há uma situação muito intensa de prazer que me envolve e vicia. E vicia mesmo.

Não há nada mais gostoso que ver as crianças entendendo a minha situação e no final dos encontros, levantarem os dedinhos para pedirem para falar e afirmarem, em público, que irão rezar para que eu nunca mais recaia.

Talvez seja pura carência minha, e deve ser, mas ver que estou interferindo em um processo de evolução de uma mente humana me agrada muito.

Sempre me importei com as pessoas, desde pequeno. Quando era criança e via um mendigo na rua, minha mãe tinha que me segurar porque eu sempre queria abraçá-lo.

Não quero que as pessoas passem pelo que eu passei, pois sei que é um sofrimento muito grande, além de um grande atraso. Não temos tempo para perder. Não podemos entregar dez, vinte, trinta anos, ou o resto de nossa existência às drogas. É um crime deixar isso acontecer aos pequenos.

Hoje tenho, como missão, realizar esse trabalho que me sustenta emocionalmente e psicologicamente. Não recairei porque sei que ainda existem milhares de crianças que precisam conhecer minha história para estarem alerta quando a "oferta" chegar. E a "oferta" é muito grande.

Ela não está apenas nas propagandas de TV, ou de jornais, ela está também inserida nas músicas que os nossos pequenos escutam, todos os dias no rádio. Ela está inserida em amplos "debates" sobre a liberação ou não das drogas promovida por pessoas sem escrúpulos que, de alguma forma, se aproveitam desse tipo de polêmica para ganharem notoriedade.

Eu entendo que drogas causam um grande transtorno ao desenvolvimento do corpo humano durante o seu processo de crescimento e puberdade.

No momento em que as drogas trazem prejuízos, até para a sexualidade, é um ato de irresponsabilidade liberá-las. Ponto final. Não há por que discutir mais.

Quando alegamos que somos adultos e que temos o direito de fazer o que queremos em nossa vida e por isso queremos liberar as drogas, estamos sendo muito egoístas porque não estamos nos importando com os pequenos, que teriam acesso a ela facilmente, como já acontece com os cigarros e as bebidas.

Não à liberação! Não mesmo.

Ora, lá pelos anos 30 a cocaína era liberada no Brasil. Vendiam em farmácias. Porém, quando os filhos dos políticos começaram a morrer, como se tivessem dado veneno a eles, resolveram proibi-la, utilizando o recurso da Lei. Mas parece que já se esqueceram disso. Lógico, isso aconteceu quando os pais deles estavam no poder.

11 NÓS, OS JOVENS

Nós, jovens, somos a peça fundamental na vida presente de nossa família, e para nossa própria vida, no futuro.

Nunca devemos ter a ideia de que sabemos tudo. Quem pensa assim, demonstra que pouco sabe. Ao contrário, devemos e precisamos ter olhos e ouvidos bem abertos, pois precisamos aprender. Principalmente, sobre nós mesmos.

Somos seres humanos, maravilhosos, donos de uma brilhante inteligência que supera a de todos os animais que circulam nesse planeta, porém, isso nos oferece também uma sensibilidade mais apurada. Uma grande complexidade psicológica, pois somos inteligentes.

Quanto maior nossa inteligência maior será a chance de nos encontrarmos em conflitos existenciais.

Esse é o motivo por que devemos permanecer "espertos". Não podemos nos deixar cair na depressão, que é uma armadilha, onde os fracos perecem. Todos somos fracos, enquanto aceitarmos esse fato. No momento em que realmente quisermos nos transformar em uma pessoa forte, isso acontecerá porque o ser humano tem essa possibilidade. A facilidade de descobrir caminhos para o crescimento interior.

Já os animais não têm como buscar maturidade mental. Eles nem sabem o que é isso.

Um dos instrumentos colocados por Deus para que aprendamos na "marra" é a dor. Em muitos casos, a droga se enquadra bem nessa circunstância. O que não é desculpa para o suicídio.

Precisamos muito de sabedoria, mas ela não está na droga, isso posso afirmar a vocês.

Encontrei a sabedoria nos livros que estudei, no carinho dos meus professores, na presença de meus pais, no "cafuné" de minha namorada.

Também encontrei sabedoria na partilha de meus momentos com bons amigos, enquanto trocávamos experiências pessoais.

Enquanto usava drogas, "aqueles amigos" que usavam comigo, nada tinham a somar, nunca me deram prazer em nada. Hoje, tenho um prazer incalculável com os amigos que possuo e, principalmente, em saber que ao término dessa leitura terei mais um novo amigo.

Obrigado por você ter tido paciência e ter chegado até aqui. Espero tê-lo ajudado, pelo menos, em lhe oferecer mais conhecimento nessa área. Que essas informações lhe possam ser úteis e que Deus seja sempre fonte de luz.

Procuremos sempre manter nossa juventude e não sermos radicais. O homem é um ser político e precisa aprender a dominar sua tendência aos melindres.

Devemos aprender a conviver com qualquer situação. Isso é o homem, um ser capaz de se adaptar e de ainda somar à construção de uma sociedade melhor. Vamos juntos, fazer a nossa parte!

CONSEQUÊNCIAS ESPIRITUAIS DO USO DE DROGAS

Fonte: Cartilha da Campanha Nacional de Prevenção às Drogas da FEB.

- Capítulo Especial Destinado às Pessoas Interessadas no Tratamento Espiritual do Dependente Químico

As Drogas Lícitas e Ilícitas: Implicações Espirituais

O homem é o autor da maior parte das suas aflições, às quais se pouparia, se sempre obrasse com sabedoria e prudência. (...) Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente ditosos. Allan Kardec: O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVII, item 12.

O estudo das implicações espirituais decorrentes do uso indevido de substâncias químicas seguirá o seguinte roteiro:

- Fatores Predisponentes
 - Tendências instintivas do Espírito
 - Estrutura psicológica do indivíduo
 - Influência familiar e social
 - Obsessão

Fatores Predisponentes

Tendências instintivas do Espírito

Existem pessoas que, desde a infância, revelam más tendências instintivas. Em geral, demonstram possuir uma personalidade rebelde e imatura, propensa a contrariar as boas normas de conduta social. Quase sempre se envolvem em situações desarmonicas que causam dissabores e constrangimentos aos genitores e demais familiares. Congenitamente, esses Espíritos revelam certa disposição à viciação, a despeito da boa educação que venham a receber no lar. Em razão das más tendências instintivas, existem respeitáveis estudiosos que defendem a tese de ser a carga genética dos genitores a causa primordial do nascimento de filhos congenitamente inclinados ao vício. O Espiritismo, no entanto, enxerga a problemática sob outro enfoque, conforme expressam as seguintes palavras do benfeitor Alexandre, citadas pelo Espírito André Luiz no livro Os Missionários da Luz:

“O organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretêm a vida e lhes criam caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem da Criação Infinita. Por isso mesmo, a criatura terrena herda tendências e não qualidades. As primeiras cercam o homem que renasce, desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência. Se o Espírito reencarnado estima as

tendências inferiores, desenvolvê-las-á, ao reencontrá-las dentro do novo quadro de experiência humana, perdendo um tempo precioso e menosprezando o sublime ensejo da elevação. Todavia, se a alma que regressa ao mundo permanece disposta ao serviço de autoelevação, sobre pairará a quaisquer exigências menos nobres do corpo ou do ambiente, triunfando sobre as condições adversas e obtendo títulos de vitórias da mais alta significação para a vida eterna. Em sã consciência, portanto, ninguém se pode queixar de forças destruidoras ou de circunstâncias asfixiantes, em se referindo ao círculo onde renasceu. Haverá sempre, dentro de nós, a luz da liberdade íntima indicando-nos a ascensão. Praticando a subida espiritual, melhoraremos sempre. Esta é a lei. Considerando essas orientações, é importante que os pais estejam atentos às manifestações das tendências instintivas dos filhos, não se deixando envolver pela capa de inocência que as crianças possuem, mas orientando-as adequadamente com energia e bondade desde a mais tenra idade, porque, conforme nos esclarecem os Espíritos Superiores, as (...) crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhes possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhes as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o consequente castigo exclusivamente sobre elas recai. Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; foi também e, sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. (7)

Aliás – acrescentam os Espíritos Orientadores –, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, em uma idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Donde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus. (5)

Importa considerar que a pessoa que ainda não conquistou determinados valores espirituais revela predisposição para usufruir dos prazeres e das sensações físicas com maior intensidade. Nos dias atuais, repletos de apelos que valorizam a estética corporal, seja por meio do fisiculturismo, seja por outras formas que valorizam a modelação física, o ser humano é continuamente estimulado a desfrutar de prazeres materiais. As propagandas de tabaco e de bebidas alcoólicas, livremente difundidas nos meios de comunicação em massa, oferecem, por exemplo, poderosos estímulos ilusórios, diga-se de passagem, capazes de criar falsos clichês de sucesso, juventude, alegria e bem-estar na mente das pessoas desprevenidas. O preço que tais pessoas pagam para aceitar essas ilusões revelam-se excessivamente alto, cedo ou tarde, porque, como

acertadamente nos lembra Joanna de Ângelis, mais (...) preocupado com o corpo do que com o Espírito, o homem moderno deixou-se engolfar pela comodidade e prazer, deparando, inesperadamente, o vazio interior que lhe resulta amarga decepção, após as secundárias conquistas externas. Acostumado às sensações fortes, passou a experimentar dificuldades para adaptar-se às sutilezas da percepção psíquica, do que resultariam aquisições relevantes promotoras de plenitude íntima e realização transcendente. (...) Estimulado pelo receio de enfrentar dificuldades, ou motivado pela curiosidade decorrente da falta de maturidade emocional, inicia-se o homem no uso dos estimulantes – sempre de efeitos tóxicos –, a que se entrega, inerme, deixando-se arrastar desde então, vencido e desditoso.(14) Os Espíritos que trazem à reencarnação más tendências instintivas são mais facilmente arrastados à viciação. Daí ser de fundamental importância cercar de todos os cuidados a educação infantil, porque é na infância, sobretudo, (...) que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.(9) Passado o período de infância, é mais difícil, na idade adulta, mudar ou reprimir as tendências instintivas, uma vez que (...) somos o que decidimos, possuímos o que desejamos, estamos onde preferimos e encontramos a vitória, a derrota ou a estagnação, conforme imaginamos. (47)

Estrutura psicológica do indivíduo

Há pessoas que, mesmo não revelando más tendências instintivas, apresentam, entretanto, uma estrutura psicológica frágil ou imatura, que lhes favorece o arrastamento às drogas. Podemos citar, por exemplo, criaturas que, efetivamente, possuem uma insegurança crônica, independentemente da educação recebida ou das condições de vida que possuem. Há também os indivíduos excessivamente tímidos, assim como os que querem, a todo custo, ser o centro da atenção. São pessoas que, em geral, apresentam graus variáveis de insatisfação pessoal, revelando uma baixa estima significativa, capaz de conduzi-los a atitudes imprevisíveis. Esses Espíritos já (...) trazem em si uma tendência ao uso de drogas. Essas pessoas são classificadas pela medicina como personalidades toxicófilas. (23)

Importa considerar que as personalidades toxicófilas não são, necessariamente, arrastadas às drogas. Algumas são tentadas a experimentá-las, mas, caso tenham recebido uma boa educação familiar e se estão cercadas de atenção e carinho, conseguem encontrar forças para repelir a atração às drogas, fugindo da viciação. O respeitável psiquiatra brasileiro, Oswald Moraes Andrade, nos relata o caso de uma menina que entrou para um colégio onde quase toda a turma fumava maconha e ela, não querendo ser a única que ficaria de fora, acabou fumando para poder enturmar no grupo. Essa menina, por exemplo, era imatura, pois se deixou levar pela pressão do grupo (...) (23)

Pessoas que demonstram evidências de desestruturações psíquicas, algumas brandas como certas neuroses, ou graves como as psicoses, oferecem um perfil favorável à dependência de substâncias químicas. Os viciados apresentam, em geral, traços marcantes de neuroses ou de psicoses. A neurose é uma desestruturação. É uma desarmonia da personalidade. E o que

causa esta neurose no indivíduo? Os vícios. São eles causadores da neurose. Além deles, as alterações afetivas. (24) As neuroses são uma desarmonia de nossa estrutura psíquica. Quando esta estrutura já está lesada, estamos então num capítulo mais adiante, no capítulo da psicose. Portanto, a psicose já é a lesão psíquica instalada, enquanto a neurose é ainda a desestruturação. (25)

É oportuno lembrar que as desarmonias psíquicas são lesões que refletem equívocos e faltas cometidas pelo Espírito contra a Lei Divina em existências passadas. As pessoas que apresentam anomalias dessa ordem devem, particularmente, ser envolvidas em um clima de afeto, de atenção e de cuidados médico-psicológicos e espíritas.

Há agora no mundo uma doença chamada doença do pânico. É a neurose do medo. (...) Quando estamos falando em termos de drogas, as neuroses não são somente aquelas que nos levam a consumir drogas ou aquelas causadas pelas próprias drogas. Muitas vezes, a dependência de uma droga é mecanismo para que possamos fazer frente a uma neurose (...). Por exemplo, [o indivíduo] é tímido e quer ficar "esperto", loquaz, aberto. (26)

Precisamos estar atentos porque todos (...) aqueles que se encontram nas malhas do vício escondem a maior parte dos sintomas, desencantos, intranquilidade, reações neuróticas e psicóticas, como se fora um iceberg mostrando apenas pequena porção. O viciado procura modificar sempre a aparência externa, com finalidade de não demonstrar suas sensações e aflições (13).

Dessa forma, as pessoas que apresentam alguma desestruturação da personalidade devem ser orientadas a buscar apoio psicológico e espiritual. Ao analisar a problemática, Joanna de Ângelis afirma: O organismo humano constituído harmonicamente está preparado para a autorrecuperação, o refazimento, quando os tecidos se gastam ou sofrem agressões, obedecendo a automatismos bem delineados pela própria

estrutura biológica. No entanto, o ser psicológico não se refaz automaticamente, recuperando-se de uma depressão, de uma síndrome do pânico, de um transtorno neurótico simples ou psicótico profundo, o que requer terapeuta especializado. Em razão disso, o equilíbrio psicológico do indivíduo é de vital importância, face aos procedimentos que dele se derivam para a saúde orgânica e emocional, nos inúmeros quão constantes processos de ocorrência frequente. Nas injunções perturbadoras que se iniciam na infância, sob a dolorosa crueldade de uma genitora insensível ou perversa, de um pai negligente ou impiedoso, nas condutas sociais viciosas proliferam os fatores de desestruturação da personalidade, empurrando suas vítimas para a dipsomania, para a toxicomania, para a dependência química. (16)

O sentimento de culpa e remorso – consciente ou inconsciente, relacionado a acontecimentos presentes ou passados – representa uma das causas usuais da desestruturação psicológica, porque atinge as áreas da afetividade, da emoção e das ideias com sérios reflexos na conduta individual, conduta esta que pode direcionar a pessoa, psiquicamente fragilizada, à viciação. O (...) remorso provoca distonias diversas em nossas forças recônditas, desarticulando as sinergias do corpo espiritual, criando predisposições mórbidas para essa ou aquela enfermidade, entendendo-se, ainda, que essas desarmonias são, algumas vezes, singularmente agravadas pelo assédio vindicativo dos seres a quem ferimos, quando imanizados a nós em processos de obsessão. Todavia, ainda mesmo quando sejamos perdoados pelas vítimas de nossa insânia, detemos conosco os resíduos mentais da culpa, qual depósito de lodo no fundo de calma piscina, e que, um dia, virão à tona de nossa existência, para a necessária expunção, à medida que se nos acentue o devotamento à higiene moral. (37)

Influência familiar e social

Na prevenção ao uso indevido de drogas, a família bem como o meio social onde a pessoa está inserida exercem poderosa influência. A adolescência, por ser a idade que o Espírito apresenta maior vulnerabilidade às influências inferiores, deve merecer, por parte da família, cuidados especiais. Na adolescência, as mudanças hormonais ocorridas no corpo físico imprimem alterações no humor e nas emoções dos jovens, tornando-os propensos a comportamentos estranhos. É também o período em que o (...)Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era [antes de reencarnar]. (6) Desde que, porém, os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a nudez. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre irisados de matizes que a primeira infância manteve ocultos. (7)

Os pais e demais familiares devem dobrar a vigilância em relação aos filhos durante a adolescência, cercando-os de amor e paciência. É preciso considerar também que é nesse período que muitas neuroses e psicoses surgem associadas, comumente, a processos obsessivos. Os representantes da família e da sociedade devem somar esforços, buscando soluções pacíficas para o problema, entendendo definitivamente que o (...)surto das alienações mentais infantojuvenil, num crescendo assustador, deve reunir-nos todos em torno do problema urgente, a fim de que sejam tomadas providências saneadoras dessa cruel pandemia. (17) As mentes jovens despreparadas (...) arrojam-se, voluptuosas, insaciáveis, ao prazer fugidio, à dita de um minuto em detrimento, afirmam, da angustiosa expectativa demorada de uma felicidade que talvez não fruam... (18)

O cotidiano atual, no Planeta, oferece maior acesso às drogas. As condições da música excitante, o fenômeno "materialismo", os desencantos de toda ordem, as dificuldades que o meio naturalmente oferece e tantas outras posições de negatividade são fatores, quando não desencadeantes, ao menos coadjuvantes nos mecanismos da dependência. Diga-se, entretanto, que o fator primordial nos processos de toxicofilia está ligado ao próprio indivíduo, à sua natureza psicológica em ligação direta com o passado espiritual. Os sofrimentos que hoje colhemos são a sementeira do pretérito. É justa e precisa a conhecida frase: "A sementeira é livre, a colheita obrigatória".

Acreditamos, também, que inúmeros viciados não trouxeram propriamente um problema cármico. São almas primitivas internadas, temporariamente, na carne e com poucas condições psicológicas na avaliação das responsabilidades. Com isso, desejam sonhos e caminhos sem lutas; esbarram na inconformação e nos desalentos dos possíveis roteiros fáceis na busca dos prazeres da vida. Aqueles que se enredaram nas malhas do vício iniciam-se por pequenos impulsos até mesmo por curiosidade como "ato de independência" ou "liberdade". Impulso que a pouco e pouco se vai ampliando e como que convidando a personalidade imatura a uma tradução avessa e míope da "realização". Nesta fase, muitos dizem que podem deixar a prática viciosa à hora a que desejarem por terem "inteligência" para isso; mas, na sua desestruturação psicológica caminham inelutavelmente para a dependência. (13)

Constitui, realmente, (...) um desafio preservar nossos filhos dos hábitos vigentes na sociedade: o sexo desvairado e a droga indiscriminada. Infelizmente, a iniciação dá-se em algumas escolas, onde eles vão ser educados. Ali o traficante, através de alguns professores e de ignóbeis funcionários, ou de diretores inescrupulosos, que visam apenas lucros, ou dos vendedores que ficam defronte do educandário, daqueles que têm bancas de revistas e passam também os papalotes de cocaína ou os cigarros

de maconha... Dessa forma torna-se muito difícil a nossa tarefa. A solução é falar-lhes com naturalidade, sem gerar reações psicológicas, face ao abuso, porque tudo aquilo que repetimos em demasia desperta interesse e produz efeito contrário. Deveremos mostrar a vantagem dos bons hábitos, e que um deles, saudável, é não usar drogas. (15)

Obsessão

Obsessão, segundo o entendimento espírita, é o domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação. (10)

É importante considerar que nossa (...) alma vive onde se lhe situa o coração. Caminharemos, ao influxo de nossas próprias criações, seja onde for. A gravitação no campo mental é tão incisiva, quanto na esfera da experiência física. Servindo ao progresso geral, move-se a alma na glória do bem. Emparedando-se no egoísmo, arrasta-se, em desequilíbrio, sob as trevas do mal. A Lei Divina é o Bem de todos. Colaborar na execução de seus propósitos sábios é iluminar a mente e clarear a vida.

Opor-lhe entraves, a pretexto de acalantar caprichos perniciosos, é obscurecer o raciocínio e coagular a sombra ao redor de nós mesmos. É indispensável ajuizar quanto à direção dos próprios passos, de modo a evitarmos o nevoeiro da perturbação e a dor do arrependimento. (...) Consciência pesada de propósitos malignos, revestida de remorsos, referta de ambições desvairadas ou denegrida de aflições não pode senão

atrair forças semelhantes que a encadeiam a torvelinhos infernais. A obsessão é sinistro conúbio da mente com o desequilíbrio comum às trevas. Pensamos e imprimimos existência ao objeto idealizado. A resultante visível de nossas cogitações mais íntimas denuncia a condição espiritual que nos é própria, e quantos se afinam com a natureza de nossas inclinações e desejos aproximam-se de nós, pelas amostras de nossos pensamentos. Se persistimos nas esferas mais baixas da experiência humana, os que ainda jornameiam nas linhas da animalidade nos procuram, atraídos pelo tipo de nossos impulsos inferiores, absorvendo as substâncias mentais que emitimos e projetando sobre nós os elementos de que se fazem portadores. (42)

Realizando uma breve análise das formas como a obsessão se manifesta, podemos dizer que a obsessão simples se caracteriza por um incômodo ou mal-estar produzido pelo obsessor. Trata-se de uma ação espiritual, nem sempre sistemática e contínua, que tem como finalidade atingir e abalar as barreiras psíquicas da vítima.

Na fascinação, o Espírito molestador atua de forma ardilosa sobre a mente e a vontade da vítima, produzindo ilusões facilmente assimiladas pelo obsidiado. O Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. (11)

A subjugação é (...) uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. (12)

A ação dos Espíritos inferiores sobre o dependente de substâncias químicas pode ser percebida através das alterações no comportamento do viciado, dos danos adicionais ao seu organismo perispiritual, já tão agredido pelas drogas, e das

consequências futuras e penosas que experimentará quando estiver na condição de Espírito desencarnado, vinculado a regiões espirituais inferiores. Sabemos que, após a desencarnação, o Espírito guarda, por certo tempo, que pode ser longo ou curto, seus condicionamentos, tendências e vícios de encarnado. O Espírito de um viciado em drogas, por exemplo, em face do estado de dependência a que ainda se acha submetido, no outro lado da vida, sente o desejo e a necessidade de consumir a droga. Somente a forma de satisfazer seu desejo é que irá variar, já que a condição de desencarnado não lhe permite proceder como quando na carne. Como Espírito precisará vincular-se à mente de um viciado, de início, para transmitir-lhe seus anseios de consumo da droga, posteriormente para saciar sua necessidade, valendo-se para tal do recurso, ou da vampirização das emanções tóxicas impregnadas no perispírito do viciado ou da inalação dessas mesmas emanções quando a droga estiver sendo consumida. (22)

Percebe-se, dessa forma, que o processo obsessivo dos viciados em drogas ocorre, em geral, pela ação de Espíritos igualmente viciados. Trata-se, na verdade, de uma ação planejada pelo obsessor-dependente-químico contra o encarnado que oferece condições de suprir-lhe as exigências impostas pelo vício. É importante considerar que esse tipo de obsessor raramente age sozinho. Segundo relatos mediúnicos confiáveis, o obsessor quase sempre está acompanhado de outros Espíritos, também doentes, unidos entre si por dolorosos processos de desequilíbrios, comandados por inteligências transviadas e pérfidas. Nesta, como nas demais obsessões, podemos identificar quatro fases da atuação do obsessor sobre o obsidiado: insinuação, assédio, conexão mental e domínio.

Na fase de insinuação ou de influencição, o obsessor busca atrair a sintonia do paciente, projetando, sutilmente e quase sempre a distância, ideias e imagens, que, pouco a pouco, passam a ser recepcionadas por este, se tais as condições

propiciadas pela afinidade, associada à falta de vigilância. É o momento que pode ser qualificado como de insinuação espiritual maligna e que, pela sagacidade do perseguidor, dificilmente é detectada pela maioria dos moralmente adormecidos, que somos nós, renitentes aprendizes do Evangelho na escola da Terra. (49)

Na fase de insinuação, os Espíritos utilizam recursos telepáticos e fluídicos, aplicados próximo ou a distância da pessoa selecionada como alvo. Este alvo pode ser qualquer indivíduo, uma vez que na maioria das vezes, estamos nós — encarnados — agindo sob a influência de entidades espirituais que se afinam com o nosso modo de pensar e de ser, ou em cujas faixas vibratórias respiramos. (28)

Os Espíritos obsessores sabem como nos atingir, bastando para isto identificar o foco dos nossos interesses e os pontos das nossas fragilidades.

No atual estado evolutivo da humanidade terrestre, poucas são as pessoas que se encontram imunes às influências espirituais inferiores. A uma simples vibração de nosso ser, a um pensamento emitido, por mais secreto nos pareça, evidenciamos de imediato a faixa vibratória em que nos situamos, que terá pronta repercussão naqueles que estão na mesma frequência vibracional. Assim, atrairemos aqueles que comungam conosco e que se identificam com a qualidade de nossa emissão mental. (29)

Allan Kardec nos explica como os Espíritos tomam conhecimento dos nossos interesses e, de posse dessas informações, como podem agir os obsessores: Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros. Há mais: criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo

modo se fotografa. (...) Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, pode ela pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus. (4)

Na fase de assédio há uma gradação maior de envolvimento mental e fluídico. Os efeitos passam logo a ser notados como, por exemplo, mudanças perigosas de atitudes, pensamentos, às vezes, desordenados, falhas de memória, falta de concentração, cansaço físico e mental, sintomas diversos sem causa aparente etc. (...) Outra maneira de se perceber um assédio é a manifestação de muita ansiedade. (50)

Nem sempre, porém, a ação do obsessor é fria e calculista. Nem sempre ele age com premeditação e com requintes de crueldade. Há obsessões, sim, que apresentam essas características, mas nem todas. Existem aquelas outras em que o algoz atua como que enlouquecido pela dor, pela angústia e sofrimentos. Não tem condições de raciocinar com clareza e sofre até mais que o obsidiado. (...) Muitos não têm consciência do mal que estão praticando. Podem estar sendo usados por obsessores mais inteligentes e mais cruéis, que os atormentam, enquanto os obrigam a, por sua vez, atormentarem os que são objeto de vingança ou ódio. (...) Via de regra, os obsessores chefiam outros obsessores, que tanto podem ser seus cúmplices por vontade própria ou uma espécie de escravos, dominados por processos análogos aos usados com os obsidiados encarnados. Esses Espíritos são empregados para garantir o cerco, intensificar

a perturbação não só da vítima como dos componentes do seu círculo familiar. Permanecem ao lado destes, acompanhando-lhes os passos, vigiam-lhes os movimentos e têm a incumbência de ocasionar-lhes problemas, mal-estar, confusões, o que conseguirão desde que a criatura visada não se defenda com a luz da prece e o reforço de uma vida edificante, voltada para a prática da caridade e para o desejo constante do bem. (30)

Na fase de conexão mental, propriamente dita, as resistências psíquicas vão sendo minadas cada vez mais, estabelecendo-se o conúbio mental contínuo entre obsessores e obsidiados. Na conexão mental, o perispírito do perseguidor passa a ligar-se mais ao corpo espiritual do obsidiado, inaugurando, perigosamente, as possibilidades de justaposição perispirítica, que pode abrir as portas, não só para um tipo de fascinação mais persistente, como para os processos simbióticos e parasitários. (51)

Os obsessores valem-se dos instantes do sono físico de suas vítimas para intensificarem a perseguição. Nestas ocasiões, mostram-se como realmente são, no intuito de apavorar e exercer com isso maior domínio. Quando já há uma sintonização bem estreita, facilitada sobretudo pela culpa, o remorso e o medo, o obsessor age como dono da situação, levando o perseguido a sítios aterrorizantes, visando desequilibrá-lo emocionalmente, deixando plasmadas na sua mente as visões que tanto amedrontam. Envolvem a vítima com seus fluidos morbíficos e, em certos casos, chegam à posse quase completa desta, através de complicadas intervenções no seu perispírito. (31)

Uma vez ligado fluídica e mentalmente à criatura, o obsessor usufrui de todas as sensações, emoções e pensamentos da vítima, ao mesmo tempo que lhe injeta as suas próprias sensações, emoções e pensamentos, estabelecendo-se, dessa forma, tenebroso intercâmbio de vibrações desarmônicas, muito desagradáveis para o encarnado, mas que provocam bem-estar

ao perseguidor. Nessa fase, a ligação entre as mentes do obsessor e do paciente torna-se cada vez mais íntima, enfraquecendo-se, gradualmente e dramaticamente, a vontade deste. (51)

Os desencarnados de condição inferior justapõem-se (...) à aura das criaturas que lhes oferecem passividade e, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhes as zonas motoras e sensórias, inclusive os centros cerebrais, em que o Espírito conserva as suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as (...). (38)

A fase de domínio, identificada por Allan Kardec como subjugação, é considerada a mais grave do processo obsessivo, porque o obsidiado se encontra totalmente dominado pelo obsessor. A vítima da subjugação passa a mostrar mudanças ostensivas em seu comportamento e pode, tristemente, chegar a perder a própria capacidade de discernir. (52) A pessoa subjugada por ação espiritual apresenta sintomas evidentes de transtornos ou doenças mentais, variáveis em tipos e graus.

Nesse contexto, as doenças mentais caracterizam-se por um número muito grande de perturbações; dentre elas citamos, de forma sintetizada: perturbações da consciência; perturbações do humor; perturbações gerais na forma e processo do pensamento; perturbações da memória; perturbações na fala; perturbações da percepção; perturbações da inteligência (retardo mental; demência) e outras. (32) As pessoas dependentes de substâncias químicas apresentam, em geral, um tipo muito peculiar de obsessão: a obsessão compartilhada ou por parceria no vício. Trata-se de uma situação em que o obsidiado aceita, sem maiores constrangimentos, a atuação do obsessor.

O autor

Carlos Neher

FONTES DE CONSULTA BIBLIOGRÁFICA

1. KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Tradução de Guillon Ribeiro. 121. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap.5, item 4, p.98-100.
2. Item 6, p. 101.
3. Item 8, p. 103.
4. A Gênese. Tradução de Guillon Ribeiro. 43. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap.14, item 15, p.283.
5. O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 199-a, p.134.
6. Questão 385, p.211.
7. Questão 385, p.211-212.
8. Questão 385, p.212.
9. Questão 385, p.213.
10. O Livro dos Médiuns. Tradução de Guillon Ribeiro. 71. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap.XXIII, item 237, p.306-307.
11. Cap. XXIII, item 239, p.308.
12. Cap. XXIII, item 240, p.309.
13. ANDRÉA,J.<http://www.ajornada.hpg.ig.com.br/materias/drogas/drogas-0008.htm>
14. FRANCO, Divaldo Pereira. Após a Tempestade. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL,1974. Cap. 8, p.49.
15. Laços de Família. Diversos Espíritos. Organização de Antonio César Perri de Carvalho. 7. ed. São Paulo: USE, 2001. Capítulo: Filhos e Toxicomania. p. 63-64.
16. Despertar do Espírito. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador: LEAL,2000. Capítulo: Problemas psicológicos contemporâneos, item alcoolismo e toxicomania, p.57-58.

17. S.O.S. Família. Diversos Espíritos. 3. ed. Salvador: LEAL, 1994. Capítulo: Alienação infanto-juvenil e educação (mensagem do Espírito Benedita Fernandes), p.87.
18. Capítulo: Alucinógenos, toxicomania e loucura (mensagem do Espírito Joanna de Ângelis), p. 129.
19. GALVÊAS, Elias Celso. Drogas e Alcoolismo, p. 3 COMPLETAR.
20. LUNA, Xerxes Pessoa. As drogas e suas implicações espirituais. Reformador, ano 116, março de 1998. Nº 2028, p.86.
21. p. 86-87.
22. p. 87.
23. MARTINS, Celso et al. As Drogas e suas consequências. Belo Horizonte [MG], editora Espírita Cristã Fonte Viva, 2000. Capítulo: O perfil do drogado. As drogas e as suas consequências. Pelo psiquiatra Dr. Oswald Moraes Andrade, p. 79-80.
24. Capítulo: Drogas: neuroses e obsessões. Pelo médico- psicossomático Dr. José Alberto Pestana, p. 88.
25. p. 90.
26. p. 91.
27. NOBRE, Marlene R. S. A Obsessão e sua Máscaras - um estudo da obra de André Luiz. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997. cap. 6 (Possessão partilhada), item parceiros no vício, p. 44-45.
28. SCHUBERT, Suely Caldas. Obsessão/Desobsessão. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 1 (As influências espirituais), p. 25.
29. Cap. 2 (Companhias espirituais), p. 27.
30. Cap. 14 (Modo de ação do obsessor), p. 73-74.
31. p. 74.
32. Transtornos Mentais. Araguari [MG]: Minas Editora, 2001. Cap. 2 (Definindo os transtornos mentais), p. 27.

33. XAVIER, Francisco Cândido. Ação e Reação. Pelo Espírito André Luiz. 1.ed.especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 19 (Sanções e auxílios), p 277-278.
34. p. 279.
35. XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. Evolução em Dois Mundos. Pelo espírito André Luiz. 1. ed. especial. Primeira parte, cap. IX, item: fator de fixação, p. 71-72.
36. Segunda parte, cap. XIX (Predisposições mórbidas), p. 241-242.
37. p. 242.
38. XAVIER, Francisco Cândido. Instruções Psicofônicas. Por diversos Espíritos. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995. Cap.51 (Domínio magnético), mensagem de Francisco Menezes Dias da Cruz, p. 228.
39. Missionários da Luz. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 4 (Vampirismo), p. 39.
40. Cap. 13 (Reencarnação), p. 237-238.
41. p. 238-239.
42. Nos domínios da Mediunidade. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 13 (Pensamento e mediunidade), p. 117-119.
43. Cap. 15 (Forças viciadas), p. 135.
44. p. 136.
45. p. 137.
46. No Mundo Maior. Pelo Espírito André Luiz. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 14 (Medida salvadora), p. 204-205.
47. Roteiro. Pelo Espírito Emmanuel. 10.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. 5 (Nos círculos da matéria), p. 28.
48. XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. Sexo e Destino. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Primeira parte, cap. 6, p. 51-53.

49. ZIMMERMANN, Zalmino. Perispírito. Campinas [SP]: CEAK, 2000. Item: fases do processo obsessivo, p. 467.
50. p. 468.
51. p. 471.
52. p. 472.